

**Antônio Lopes de Sá**  
**ÉTICA**  
**PROFISSIONAL**  
**9 Edição, revista e ampliada**  
**BIBLIOTECA**

TOMBO: **218086**  
DATA: 09/03/2010  
SÃO PAULO  
EDITORA ATLAS S.A. -2009

R

(

i

**Antônio Lopes de Sá**  
**ÉTICA**  
**PROFISSIONAL**  
**9 Edição, revista e ampliada**  
**BIBLIOTECA**

TOMBO: **218086**  
DATA: 09/03/2010  
SÃO PAULO  
EDITORA ATLAS S.A. -2009

© 1996 by Editora Atlas S.A. OH441

/

1. ed. 1996; 2. ed. 1998; 3. cd. 2000; 4. ed. 2001; 2  
5. ed. 2004; 6. ed. 2005; 7. ed. 2007; 8. ed. 2007; 9. ed. 2009

*Capa:* Zenário A. de Oliveira  
*Composição:* Set-up Time Artes Gráficas  
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP Brasil)  
Sá, Antônio Lopes de  
Ética profissional / Antônio Lopes de Sá. —9. ed. —São Paulo: Atlas, 2009.  
Bibliografia.  
ISBN 978-85-224-5534-8  
1. Ética profissional 1. Título. II. Série.  
96-1264 CDD-174  
Índice para catálogo sistemático:  
1. Ética profissional 174

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS — É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei n 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Decreto n 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

Impresso no *Brasil/Printed in Brazil*

Editora Atlas S.A.

Rua Conselheiro Nébias, 1384 (Campos Elísios)

01203-904 São Paulo (SP)

Tel.: (0\_\_li) 3357-9144 (PABX)

www.FxiitcbraAt1cnm .hr

# ÉTICA COMO DOCTRINA DA CONDUTA HUMANA

Como móvel de conduta humana, a Ética tem uma concepção de objeto da vontade ou das regras que a direcionam.

O bem, nesse caso, não se enfoca como algo básico de realidade ou perfeição, mas, sim, como o que passa a ser matéria nos domínios do volitivo.

*A vontade ética torna-se nessa acepção a ser um dos assuntos de grande importância, como núcleo de estudos.*

Conduta humana

Antes de entrarmos na questão, conveniente é que bem se esclareça o que o conceito *conduta* procura expressar, em sentido amplo, genérico.

*A conduta do ser é sua resposta a um estímulo mental, ou seja, é uma ação que se segue ao comando do cérebro e que, manifestando-se variável, também pode ser observada e avaliada.*

Como tais *respostas aos estímulos* não são sempre as mesmas, variando sob diversas circunstâncias e condições, não se deve confundir tal fenômeno com um simples *comportamento*.

O comportamento também é uma resposta a um estímulo cerebral, mas é constante, ou seja, ocorre sempre da mesma forma, e, nisto, diferencia-se da conduta, pois esta sujeita-se à variabilidade de efeitos.

<sup>1</sup> Sobre a vontade ética dedicamos um capítulo neste livro.

### 16 Ética profissional I - Lopes de Sá

No emprego de conceitos, pois, como *ação, atitude, comportamento, conduta*, existem diferenças que expressam razões também diferentes das conseqüências da influência do cérebro, sobre o que ocorre na materialização de seus estímulos.

*O que a Ética estuda, pois, é a ação que, comandada pelo cérebro, é observável e variável, representando a conduta humana.*

Tais diferenças conceituais nem sempre são respeitadas e os termos podem ser encontrados para expressarem efeitos como se sinônimos fossem; em realidade, todavia, a partir do início deste século, começaram a apresentar as diferenças que podem ser detectadas.

A evolução conceptual é natural nas ciências e até no campo empírico; quanto mais evolui um conhecimento, tanto mais tende a ter mais e melhores conceitos <sup>2</sup>

Ética concebida como doutrina da conduta

O estudo doutrinário a respeito do motivo que leva a produzir a conduta é um específico esforço intelectual; buscar conhecer o que promove a satisfação, prazer ou felicidade é, nessa forma de entender a questão, mais que analisar o bem como uma coisa isolada ou ideal, simplesmente.

Deixa-se o estado apenas estático, ou como alguns expressam “contemplativo” do bem, para conhecer as razões que levam ao mesmo e as conveniências que ditam as variações em torno dos estímulos mentais nessa mesma direção.

Não se busca, no caso, o exame do ideal, mas, sim, do que leva a produzi-lo.

A vida feliz, prazerosa, adequada, o bem-estar, pela racional prática da virtude,<sup>3</sup> a sociedade,<sup>4</sup> o Estado,<sup>5</sup> as posições hedonísticas etc., como ideais imaginados para o bem, como matérias que se tornaram objetos de estudos

<sup>2</sup> Os conceitos são palavras ou expressões que sintetizam ideias, ou seja, são representantes de muitos raciocínios em torno de um objeto, de um fenômeno ou mesmo de ideias.

Tal como preconizou Aristóteles quando afirmou: “para o homem não existe maior felicidade que a virtude e a razão e que, ao mesmo tempo, por isso, deve regular sua conduta” (*A política*, Livro IV Cap. II).

Como imaginou ser Bergson e como neste livro discorreremos na Introdução. Como desejava não fuisse o contrário.

Ética como doutrina da conduta humana 17

através da Ética, deixam de assumir o papel principal como objeto isolado de indagação, quando se busca o conhecimento da conduta, como prioridade.

Não é, pois, a coisa em si, mas como se pode consegui-la, quais os

caminhos que à mesma conduzem que se torna o embrião do que se busca conhecer como verdadeiro, ou, pelo menos, lógico.

O que se torna predominante é a prática que o homem segue e que provoca os fenômenos, nessa forma de estudar-se a Ética.

O *bem* passa a ser uma decorrência do móvel da conduta, ou ainda, o que se consegue através de seguir-se tal ou qual direção.

Essa a forma que, já tradicionalmente, grande número de pensadores entende como certa e que difere, em alguns aspectos, daquela que em nossa Introdução expusemos, egressa de alguns outros clássicos e de alguns pensadores modernos e contemporâneos.

A Ética, como estudo da conduta, todavia, já é percebida em Protágoras,<sup>6</sup> quando em seus ensinamentos<sup>7</sup> pregava o que fazer para ser virtuoso perante terceiros.

A denominada *Ética da Conduta* ou *Ética do móvel*, tem inspiração milenar e já a encontramos nos pensadores clássicos, como nos referimos. Xenofonte<sup>8</sup> indicou caminhos de ação do homem para que fossem observados de forma adequada, perante cada um dos aspectos de sua presença, ou seja, perante a divindade, os amigos, a sociedade, a pátria etc., cada um exigindo uma ação específica, uma conduta peculiar a ser observada.

Consciente como foi em relação à administração, não só militar, mas na vida prática do governo da riqueza para a satisfação das necessidades humanas, com grande objetividade, escreveu ele o que de sua experiência colheu.

Apresentou entendimentos de condutas que realmente nos parecem de uma lógica irrepreensível, como o que diz respeito à gestão do bem público, «Protágoras nasceu em Abdera, na Trácia, no ano 480 a.C.; reconheceu no respeito e na justiça as condições de sobrevivência e isto não é, senão, reconhecer o móvel ou caminho que leva ao bem, através da conduta.

Segundo consta, através da História, foi Protágoras o primeiro professor remunerado, dedicando-se ao magistério como meio de vida. A ele se atribui também o pensamento pelo qual se notabilizou: “O homem é a medida de todas as coisas.”

<sup>8</sup> Xenofonte, nascido em 427 a.C., discípulo dileto de Sócrates, filósofo, escritor, general, indicou vários fatores que levam à conduta ética, dentre eles a veneração pelos Deuses, o benefício para os amigos, a utilidade para com a sociedade, a prática do bem para com a Pátria.

#### 18 Ética profissional (opos de Sá

quando sugeriu que aquele que não sabe administrar sua casa não sabe, também, administrar o Estado

Os pensadores da época entenderam por Ética a ação virtuosa, desde que esta resultasse do consenso de todos, ou seja, fosse aceita como tal.

A Ética, como um estudo visando apresentar o que se deve buscar para que se sinta e se pratique o bem, hoje acolhida de forma relevante, também foi a forma de entender do pensamento da Idade Clássica, inclusive como veículo para o prazer ou felicidade,<sup>10</sup> mas, no decorrer do tempo, arrefeceu-se na Idade Média, para, depois, tomar nova força quando do Renascimento.”

### A ética **empírica de Paracelso**

Embora sem adquirir notoriedade no campo da Ética, mas acolhendo reflexões e lições da sabedoria antiga, Paracelso (1493-1541) firmou pilares derivados de sua própria experiência.

A consideração das máximas do referido homem de ciência tem seu valor inequívoco como conhecimento do ponto de vista de um ser que marcou sua época e inaugurou uma nova etapa na Medicina (foi quem introduziu como medicamentos os elementos químicos extraídos de plantas e minerais, inaugurando nova era no campo farmacêutico).

É sempre útil julgar os pensamentos considerando quem os emite.

O famoso suíço Paracelso<sup>12</sup> (cujo nome era Phillipus Aureolus Theophrascus Bombastus von Hohetiheim) foi médico (diplomando-se aos 17 anos), alquimista, físico e astrônomo, logo, um ser dedicado ao conhecimento e preocupado com a vida humana e o bem-estar dos seres. Associando a teoria à prática e especializando-se através de pesquisas e reflexões, ganhou crédito não só profissional, mas, também, intelectual, aderindo principalmente aos pensamentos de Pitágoras e Platão, tão como a uma

Xenofonte, em seu livro *O econômico*, Capítulo XIII, item 5.

<sup>10</sup> Tal foi a forma -de apresentar -a matéria nos pensamentos de Aristipo, Epicuro etc.

“Lórenzo Valia, italiano, nascido em 1405 e falecido em 1457. Filósofo e historiador, parer: ter sido quem pela primeira vez, em sua obra *De voluptate*, faz ressurgir a filosofia de Epicuro, de Aristipo, no que tange —ao Prazer— como móvel ou caminho para a conduta na..vida.

<sup>12</sup> O apelido :*ParaceLço* significa maiorqueCélso,este que foi um dos mais notáveis médi f{oma antiga.

### Ética como doutrina da conduta humana 19

certa classe de hermetismo, embora recusando a magia, sem, contudo, deixar de apelar para simbologias e coisas afins.

Consta que Paracelso afirmou que a Medicina só estaria completa quando se associasse o estudo do corpo àquele do espírito.

Entendeu que os processos biológicos são de natureza química, afetando o cérebro e, portanto, o comportamento humano, mas, também, que há uma energia que a isso tudo aciona.

A saúde como dependente da energia atuante sobre o corpo, a importância

da confiança na cura e a interação do homem com o seu ambiente foram um começo de “holismo” no campo da Medicina que Paracelso inaugurou há cerca de 500 anos.

Esse valoroso intelectual admitiu que ao médico era imprescindível reconhecer a ação da natureza invisível no doente (estado espiritual), como também a ação que o remédio provoca no campo energético, agindo sobre o corpo.

A constante peregrinação por centros de cultura em diversas nações outorgou a Paracelso crédito não só quanto às suas profissões, mas, também, como observador do comportamento humano.

De sua lavra são as seguintes máximas como “deveres” e bases de uma “consciência ética”:

*Banir absolutamente de teu ânimo, por mais razões que tenhas, toda a ideia de pessimismo, vingança, ódio, tédio, ou tristeza.*

*Fugir como da peste ao trato com pessoas maldizentes, invejosas, indolentes, intrigantes, vaidosas ou vulgares e inferiores pela natural baixa de entendimentos ou pelos assuntos sensualistas, que são a base de suas conversas ou reflexos dos seus hábitos.*

*A observância desta regra é de importância DECISIVA; trata-se de transformar a contextura espiritual de tua alma. É o único meio de mudar o teu destino, uma vez que este depende dos teus atos e dos teus pensamentos.*

*O acaso não existe.*

*Faze todo bem ao teu alcance.*

*Auxilia a todo o infeliz sempre que possas, mas sempre de ânimo forte.*

*Sê enérgico e foge de todo o sentimentalismo.*

*Esquece todas as ofensas que te façam, ainda mais, esforça-te por pensar o*

1-

3..

## **20 Ética profissional Lopes de Sá**

*Tua alma é um templo que não deve ser profanado pelo ódio.*

*Recolhe-te todos os dias a um lugar onde ninguém te vá perturbar e possas, ao menos durante meia hora, comodamente sentado, de olhos cerrados, NÃO PENSAR EM COISA ALGUMA. Isso fortifica o cérebro e o espírito e por-te-á em contato com as boas influências. Neste estado de recolhimento e silêncio ocorrem-nos sempre ideias luminosas que podem modificar toda a nossa existência. Com o tempo, todos os problemas que parecem insolúveis serão resolvidos, vitoriosamente por uma voz interior que te guiará nesses instantes de silêncio, a sós com a tua consciência. É o DEMÔNIO de que SÓCRATES falava. Todos os grandes espíritos deixaram-se conduzir pelos conselhos dessa voz íntima. Mas, não te falará assim de súbito; tens que te preparar por algum tempo, destruir as capas superpostas dos velhos hábitos, pensamentos e erros, que envolvem o teu espírito, que, embora divino e perfeito, não encontra os*

*elementos que precisa para manifestar-se.*

*A CARNE É FRACA e deves guardar em absoluto silêncio todos os teus casos pessoais. Abster-se, como se fizesses um juramento solene, de contar a qualquer pessoa, por mais íntima, tudo quanto penses, ouças, saibas, aprendas ou descubras. É UMA REGRA DE SUMA IMPORTÂNCIA.*

*Não temas a ninguém nem te inspire a menor preocupação ao dia de amanhã. Mantém tua alma sempre forte e sempre pura e tudo correrá e sairá bem. Nunca te julgues sozinho ou desamparado; atrás de ti existem exércitos poderosos que tua mente não pode conceber.*

*Se elevas o teu espírito, não há mal que te atinja.*

*Só a um inimigo deves temer: A TI MESMO.*

*O medo e a dúvida no futuro são a origem funesta de todos os insucessos; atraem influências maléficas e, estas, o inevitável desastre. Se observares essas criaturas, que se dizem felizes verás que agem instintivamente de acordo com estas regras. Muitas das que alegam que possuem grandes fortunas podem não ser pessoas de bem, mas possuem muitas das virtudes acima mencionadas.*

*Demais, riqueza não quer dizer felicidade; pode se constituir em um dos melhores fatores, porque nos permite a prática de boas ações, mas, a verdadeira felicidade só se alcança palmilhando outros caminhos, veredas por onde nunca transita o velho Satã da lenda, cujo nome verdadeiro é EGOÍSMO.*

*Não te queixes de nada e de ninguém Domina os teus sentidos, -foge da modéstia como da vaidade; ambas são fizestas e prejudiciais ao êxito. A modéstia*  
*tnlhert ti,a.ç fnr(n.ç n vaidade J ,-5r, nirivn rnmn p rnmatocca .yii noj' ndr m,rInl*

**Ética como doutrina da conduta humana 21**

*contra o ESPÍRITO SANTO. Muitas individualidades de real valor tombaram das*

*altas culininâncias atingidas, em consequência da Vaidade.*

**Ética científica e grandes pensadores**

A forma de entender a conduta humana, em favor da vida do homem, a partir dos caminhos básicos que deve assumir, variou, no tempo, em relação a diversos ilustres pensadores.

Para que se tenha uma ideia sobre a evolução do raciocínio em torno do assunto, apresentamos alguns dos autores que merecem consideração, embora não a totalidade dos que se esforçaram por desenvolver tal conhecimento.

Visamos oferecer mais um elenco de esforços aplicados para construir a doutrina ética e realizar uma organização rigorosa e histórica.

**Thomas Hobbes**

Hobbes<sup>3</sup> entendeu que o básico na conduta é “a conservação de si mesmo”, como o bem maior.

Em sua obra não apresentou a matéria dentro das convenções epistemológicas, nem com uma lógica que pudesse ser classificada como rigorosamente científica, mas emitiu suas opiniões filosóficas com

convicção suficiente para que se pudesse avaliar sua forma de entender a *conduta*.

Assim, por exemplo, escreveu: “*O medo da opressão predispõe os homens para antecipar-se, procurando ajuda na associação, pois não há outra maneira de assegurar a vida e a liberdade.*”<sup>4</sup>

Todavia, não aceita ele apenas a união como um fator que conduz a proteção e conservação da existência, mas, sobretudo, dentro dela, o respeito que entre si devem guardar os seres, tutelados por um Poder que tome possível tal condição. Escreveu, sobre a questão, o seguinte: “*os homens não tiram prazer algum da companhia uns dos outros (e sim, pelo contrário, enorme desprazer), quando não existe um poder capaz de manter a todos em respeito*”.<sup>5</sup>

· Thomas Hobbes, filósofo inglês, materialista, adepto do egoísmo e do despotismo, nascido em 1588 e falecido em 1679, cuja obra principal é intitulada *Leviatã*.

<sup>14</sup> HOBEES, T. *Leviatã*. Cap. XI.

<sup>15</sup> r,n VIII

£

## 22 Ética profissional Lopes de Sá

Conclui, sobre a existência de três causas fundamentais da *discórdia* entre os participantes de um grupo: “*Primeiro, a competição; segundo, a desconfiança; e terceiro, a glória*”.<sup>6</sup>

Atribui aos interesses pelo lucro, pela segurança e pela reputação a existência dos referidos elementos que produzem móveis de uma ação *antiética*.

Defende objetivamente a liberdade, a justiça, o cumprimento das promessas ou acordos feitos entre os seres e atribui ao descumprimento o sabor da culpa.

Aduz, dentre outros, como deveres naturais, sujeitos a leis da natureza, *a complacência, o perdão aos arrependidos, a punição como preservação do bem Jii turo, fazendo a apologia da paz.*

Nas conclusões, todavia, de seu livro, tais são as justificativas que apresenta, com temor de ofensa ao Poder e à religião, que sugere a reflexão sobre o que poderia ter dito e exposto se tais limites não tivessem reduzido a força de sua obra.<sup>7</sup>

René Descartes

Poucas inteligências se equipararam à de Descartes (1596-1650) no século XVII e raras à dele se nivelaram até hoje.

Afeito às matemáticas, às ciências, não se limitou à frieza dos números nem à dos fatos.

Já no fim de sua vida, com uma apreciável visão sobre o ser humano, em seus derradeiros escritos, sobre as *As paixões da alma* (1646), edificou lições expressivas de sabedoria (disciplinadas em artigos, como se uma lei fosse) sobre o comportamento para conosco mesmo e perante nossos semelhantes.

Elucidou que a denominação *paixão*, empregada filosoficamente, equivalia a *comportamento emocional*, ou seja, a tudo o que se faz ou acontece com a

<sup>16</sup> Ibidem.

Tais temores vamos encontrá-los em muitos outros autores, inclusive em alguns que o confessam veladamente, também, como Descartes. A pressão e o controle da religião e de certos homens do Poder, influíram negativamente na liberdade de expressão, com sérios prejuízos para a evolução intelectual e da ciência e a Ética não escapou a tais barreiras. Espinosa, de que vamos tratar, foi excomungado pelo fanatismo religioso católico, em 1656, um dia depois em

n'ia \*,,,n,hSm v. Anrrnt,rtr, n folAn...;,, ..L- C,,,,, n,,L,,,, j.

### Ética como doutrina da conduta humana 23

pessoa em defluência da ação da alma, destacando alguns aspectos relativos aos sentimentos e às vontades.

Partiu do princípio de que as propriedades do espírito não se devem confundir com as da matéria, afirmando que “*as paixões da alma devem ser distinguidas das funções desta com aquelas do corpo*”.

Entendeu, todavia, o iluminado mestre que só os nossos pensamentos se ligam à alma e que esses se dividem em ações desta e nos *comportamentos* ou *paixões*.

Ensinou que a maioria das vontades é determinação anímica e que esta independe do corpo, afirmando, todavia, que “*a alma é de uma natureza que *nenh uma relação tem com a* extensão, dimensões *e outras propriedades da matéria de que se compõe o corpo, mas, apenas com todo o conjunto dos órgãos deste*” (artigo 30).*

Estabeleceu, pois, uma ligação “*funcional*” entre os elementos da vida (de corpo, pensamento e espírito), respeitando, todavia, o quanto ainda existe de incógnita sobre tais correlações.

Esclareceu, sobre o tema, que “*não é possível de modo algum se conceber a metade ou um terço de uma alma, nem saber que extensão ocupa*” (artigo 30).

Para justificar sua tese, como introdução a suas concepções sobre a Ética, o genial pensador discorreu sobre muitos temas associados ao corpo humano e também sobre as influências que entendeu fossem as responsáveis por muitas das atitudes humanas.

Admitiu que a alma ama sobre uma pequena glândula que existe no cérebro (artigo 34), daí se irradiando para todo o corpo.

Reconheceu que a *vontade é livre* e que os pensamentos se dividem em volições e “*paixões*” e que estas abrangem a todos os gêneros de percepções (artigo 41).

Concluiu que as emoções só se alteram por ação da alma do próprio ser (artigo 41) e que “*há uma razão particular que inibe a alma com rapidez no sentido de mudar ou conter as paixões*” (artigo 46).

Consolidou, com genialidade, o conceito de que é pelo “*domínio de si mesmo*” que se deve moldar a conduta, tal como Buda enunciara havia

mais  
de cnic mil nnnc

e

#### 24 Ética profissional Lopes de Sá

Descartes lecionou que é pelo conhecimento da verdade que o homem consegue moldar um tipo de raciocínio que de forma inteligente se torna competente para conter as emoções (artigos 49 e 50).

Dessa forma, o genial filósofo destacou a mais importante diretriz para o comportamento humano, ou seja, a que sinaliza para um estado de “consciência ética”.

Na segunda parte da obra, o emérito filósofo considera como “paixões”: *admiração, estima, menosprezo, dignidade, orgulho, humildade, baixeza, veneração, despeito, amor; ódio, desejo, esperança, temor, ciúme, firmeza, desespero, irresolução, valor; atrevimento, emulação, covardia, espanto, arrependimento, alegria, tristeza, burla, inveja, compaixão, satisfação íntima, simpatia, gratidão, indignação, cólera, glória, vergonha, desgosto, pesar; regozijo* (artigos 53 a 67).

Para sumarizar, todavia, classifica todas essas manifestações dos sentimentos em: *Admiração, Amor; Ódio, Desejo, Alegria e Tristeza*, considerando-as como matrizes das demais (artigo 69).

No que tange à *admiração*, que para o emérito autor tem sentido de *percepção* pela observação das coisas, esclarece com grande propriedade que não é bastante conhecer sendo imprescindível *entender* (artigo 78).

É quanto ao amor, todavia, que Descartes apresenta-nos outra diretriz essencial, afirmando que “o amor é uma emoção da alma” (artigo 79) e que é ele que nos impele à *união*.

Consagra, pois, o sentido da *benevolência* como base ética, ou seja, reconhece que a consciência deve moldar-se pela agregação em relação ao que nos cerca, afirmando que “nos consideramos unidos ao que amamos, de tal sorte que imaginamos um todo do qual acreditamos ser apenas uma parte, sendo a outra o objeto amado” (artigo 80).

De maneira sublimemente inteligente, ele que pode ser considerado o pai da lógica moderna, ensina que o *afeto* é um amor menor que aquele que dedicamos a nós mesmos; a *amizade* é um amor igual ao que dedicamos a nós mesmos e a *devoção* um amor maior que aquele que possuímos por nós mesmos (artigo 83).

Classificou assim as três manifestações do amor pela *intensidade* (menor, igual e maior) em relação ao que sentimos por nossa própria pessoa.

Ressalvou, todavia, a relatividade dos julgamentos, lecionando que “comumente chamamos de bom ou mau o que nossos sentidos interiores ou nossa

Em razão de tal forma de entender advertiu que é preciso cautela em face das diferentes formas que as impressões nos tangem, ou seja, a emoção tende a ser mais forte que a razão em muitas circunstâncias (artigo 85). Distinguiu também as formas de ação do pensamento em relação ao tempo do que é pretendido e situou o desejo como *“uma agitação da alma causada pelas disposições a querer para ofuturo as coisas que nos parecem convenientes”* (artigo 86).

De relevante importância para o comportamento humano entendeu ser o considerar as diversas “espécies do desejo” e que podem nos conduzir a situações diferentes, como as que derivam das aspirações de glória e as que inspiram as de vingança (artigo 88).

Deixou evidente que a aspiração da vida deve ser *afelicidade* (alegria) e a considerou como *“uma agradável emoção da alma que consiste no gozo do bem tal como as impressões do cérebro as representam espiritualmente como assim sendo”* (artigo 91).

Em contraposição, reconheceu a *tristeza* como *“uma languidez desagradável a qual consiste no incômodo que a alma recebe do mal e do que como defeitos as impressões do cérebro assim aceitam”* (artigo 92).

Prazer e dor própria ou que podem ser causados a terceiros, Descartes os identificou como sentimentos que se derivam do bem ou do mal praticados ou recebidos.

Tais posições sugerem os “deveres éticos” perante terceiros, ou seja, os de praticar o bem ou de evitar o mal a nós mesmos e também a nossos semelhantes.

Felicidade e infelicidade, portanto, são sentimentos, na opinião do filósofo, derivados do bem e do mal.

Do ponto de vista ético, pois, nossa responsabilidade perante tais emoções é de veras grande e deve ser observada com a relatividade adequada (existem fatos que praticamos julgando beneficiar e que na realidade trazem ou causam infelicidade).

Como cada pessoa é um universo, é preciso que se respeite a sensibilidade de cada um, a peculiar forma de interpretar os fatos, para que se consiga um bom tipo de relacionamento e é a isso que induz a leitura dos artigos 91 a 95 da obra *As paixões da alma*, de Descartes.

Sobre os benefícios do amor e os malefícios do ódio, adverte o iluminado filósofo que eles não só têm relações com a alma e o pensamento, mas tam

*pensamento nenhum deles surge depois sem que o outro também se apresente”* (artigo 136).

Outra diretriz fundamental é a que evidencia no artigo 148 da obra, ressaltando que a virtude é a protetora da felicidade, ensinando que *“se a alma tiver sempre algo com que se contentar em seu interior nada de fora poderá perturbá-la”* (artigo 148).

Complementa tal raciocínio quando evidencia ser a autoestima, associada à prática da virtude, a condição básica para que um homem alcance a dignidade (artigos 151 a 153), afirmando:

*“Por isto creio que a verdadeira dignidade, a que faz que um homem se estime no mais alto grau em que legitimamente pode estimar-se, consiste somente:*

*parte em que o homem saiba que a única coisa que verdadeiramente lhe pertence é a livre disposição de sua vontade e que só deve ser elogiado ou censurado em razão de utilizar-se bem ou mal dela; e parte no intuito de bem usá-la, isto é, de não carecer jamais de vontade para praticar e executar as coisas que julgue as melhores; ou seja, seguir perfeitamente a virtude”* (artigo 153).

Lecionou que jamais devemos menosprezar alguém, assim como devemos estar sempre mais dispostos *“a desculpar que a censurar”*, sendo sempre recomendável a humildade virtuosa, sem o vício do orgulho (artigos 154 a 159).

*Amor a Deus, respeito às pessoas*, segundo a qualidade e o valor de cada uma, *repulsa ao vício*, segundo Descartes formam o trinômio que caracteriza a dignidade (artigo 164).

Tais diretrizes éticas, entendeu o mestre, condicionam o ser a esperar que o melhor possa acontecer e, quando a esperança se faz tão forte que exclui o medo, ela transforma-se na *segurança* que todos necessitam para ações eficazes (artigos 165 e 166).

Distinguiu, entretanto, a ação positiva e valorosa da que representa uma segurança imprudente e viciosa.

Atribuiu a *irresolução* a juízos incorretos, como condena a resolução precipitada e maléfica, admitindo que é pelo exemplo da dignidade que podemos ser vistos como dignos e também criar a emulação para que outros o sejam

£

Ética como doutrina da conduta humana 27

Afirmou que a *covardia* é contrária ao valor, que o medo enfraquece o ser, mas que nunca a *burla* ou a ousadia viciosa devem ser entendidas como provas de *coragem* (artigos 171 a 176).

Condenou a *dúvida* e lembrou que o arrependimento pode suscitá-la.

Alertou que a *burla* é fruto de seres imperfeitos (artigos 179 a 181) e cm,

denou a *inveja* como uma falta de amor ao próximo (artigo 182). Entendeu que a *inveja* prejudica quem a possui, reduz a felicidade, terminando ainda por atingir também a terceiros (artigo 184). Admitiu a compaixão como o sentimento oposto ao da inveja e a entende!! como “*uma espécie de tristeza, mesclada de amor ou de boa vontade por quca vemos sofrer algum mal de que não o cremos diguo*” (artigo 185). Por ser uma forma de amor para com o semelhante, Descartes aceitou compaixão como uma das formas da dignidade (artigo 187), lecionando “*Unicamente são inacessíveis à compaixão os espíritos malévolos e invejoNos*” (artigo 188).

Louvando a prática da virtude como meio para ensejar a felicidade, *des* tacou que essa é uma forma de satisfazer-se, também a outros satisfazendo.. irradiando simpatia (artigos 190 a 192).

Ações benévolas tendem a ensejar a gratidão e digno é quem sabe posstI- Id. ensinou Descartes, reconhecendo a ingratidão, a cólera, o ódio, como grandes vícios (artigos 193, 194, 199 a 203).

Com refinada sabedoria, lecionou o iluminado mestre que: “*Fazer o também recebê-lo de certo modo*” (artigo 196).

Criticou, pois, a propensão que possuímos em admitir que as coisas sempre devem oconer tal como as imaginamos e admitiu que a indignação que às vezes nos assalta é fruto de tal manifestação do espírito (artigo 197).

Concordou, todavia, com o inconformismo diante das injustiças e aceitou que os virtuosos são os que mais tendem a indignar-se contra o vício e a injustiça (artigos 197 e 198).

Quanto à gratidão, ele as atribuiu às almas dignas e entendeu que são estas as que conseguem aplacar a cólera.

Ao tratar da glória, é céptico em afirmar que possa ser recebida seiripre com justiça, afirmando que “*algumas vezes somos elogiados por coisas que nós mesmos não as achamos boas e censurados por outras que admitimos scr*

flA\

<sup>er</sup>  
28 Ética profksional Lopes de Sá

Aceitou, todavia, que tanto a glória quanto a vergonha, ambas nos incitam à virtude, uma por esperança e outra por temor, afirmando que nunca devemos envergonhar-nos pela prática do bem nem orgulhar-nos por vícios que possamos ter (artigo 206).

Quando o homem, todavia, tanto menospreza a vergonha quanto a glória, ele é um “imprudente”, segundo Descartes (artigo 207).

A parte conclusiva, das pouco mais de duas centenas de artigos de sua obra *As paixões da alma*, o iluminado filósofo dedica-as aos conflitos entre o *desgosto*, o *pesar* e o *regozijo* e ao que denomina “um remédio geral contra as paixões”.

Recomendou a adequação dos pensamentos enisto fez, em essência, a apologia das palavras de Buda (mesmo sem a ele referir-se) de que “vivemos do que pensamos”.

Recomendou o pensamento positivo e contra a insegurança sugeriu a anulação por ideias contrárias ao pessimismo e ao medo.

Sugeriu como linha ética o domínio da sabedoria sobre a emoção.

Reconheceu que as pessoas sensíveis são as que mais desfrutam a vida quando a virtude é o parâmetro do sentimento, porque a sensibilidade pode ser a porta do bem, mas também a do mal.

Sobre as explosões do comportamento, especialmente a atinente à cólera, ao espírito de vingança, às ações litigiosas, lembrou-se de que “*é uma imprudência perder-se quando sem desonra é possível salvar-se e de que se a contenda é demasiadamente desigual, mais vale fazer uma retirada honrosa ou pedir trégua, que se expor brutalmente a uma morte certa*” (artigo 211).

Em suma, proclamou a “inteligência emocional” como o caminho para um procedimento ético competente.

Baruch Espinosa

Espinosa,<sup>8</sup> mesmo seguindo aproximadamente a linha de Hobbes, traça um caminho mais qualificado cientificamente, com um tratamento de grande

Baruch Espinosa<sup>4</sup> (Spinoza, como também se encontra escrito em muitos trabalhos), filósofo holandês, de origem porfiiguesa, nasceu em Amsterdã em 1632 e faleceu em 1677. Apologista de um racionalismo religioso, em sua *Ética* desenvolve com rigor e talento o que Descartes

#### **Ética como doutrina da conduta humana 29**

valor teórico, entendendo que desejar o bem para si mesmo é uma questão relevante, mas que conhecer a natureza divina é algo que a tudo se sobrepõe.

Assim escreve: “*Na medida em que uma coisa está de acordo com nossa natureza é necessariamente boa*”;<sup>9</sup> “*nenhuma coisa pode ser boa ou má para nós, a não ser que tenha algo de comum conosco*.”<sup>2º</sup>

Seguindo, entretanto, sua vocação, enunciou: “*O bem supremo da alma é o conhecimento de Deus, e a suprema virtude da alma é conhecer Deus*.”<sup>2’</sup>

Não excluiu, entretanto, os aspectos da conduta perante terceiros e também realizou a seguinte proposição: “*Na medida em que os homens são dominados pelas afeções que são paixões, podem ser contrários uns aos outros*.”<sup>22</sup>

Importante, igual e relevante, como abrangência de suas intenções, na exposição científica que produz, são os Princípios de que parte e que são:

1- *O respeito e a proximidade a Deus, pelo conhecimento;*

2- *Do determinismo na vontade divina;*

3º- *Da utilidade em jamais odiar desprezar e ridicularizar o próximo, ter*

*cólera ou invejar; contentar-se com o que o destino oferece, de forma racional e não por influências externas;*

4º- *Preservar a liberdade, sendo este um dever de todos e do Estado.*

O respeito máximo a uma inteligência superior, autora de tudo e absoluta como determinante, é guia e método na obra de Espinosa.

Entenderam, entretanto, quer Hobbes, quer Espinosa, que se a natureza criou o ser, foi para que o mesmo pudesse exercer sua função como tal e, portanto, seguir o que mais fosse conveniente a sua conservação e bem-estar.

Por esta razão, o emérito filósofo holandês, mas de ascendência portuguesa, escreveu que a alegria é hierarquicamente superior à tristeza e que esta é inferior no campo da perfeição, classificando o amor como a plena satisfação da alma.

“ESPINOSA, B. *Ética*. Proposição XXXI.

<sup>20</sup> Ibidem. Proposição XXIX.

· ESPINOSA, B. *Ética*. Proposição XXVIII, Os conceitos religiosos de Espinosa eram sólidos tendo ele renunciado a sua fé judaica, inclusive, em favor de suas próprias concepções. Foi, também, excomungado pelo fanatismo religioso dos católicos da época.

22 n- ,a.- n..nnnc'r.nVVVnT

<sup>30</sup> *Ética* profissional Lopes de Sá

Em decorrência produziu, dentre outros afins, o importante enunciado: “*O ódio, que é inteiramente vencido pelo amor transforma-se em amor Esse amor por essa razão, é bem maior que o ódio que o precedeu.*”

A conduta ética, por conseguinte, no entender do emérito mestre, pelo que se depreende de sua tão qualificada obra, tem no amor um elemento de rara importância, típico de um gênio que viveu uma vida simples e de dificuldades financeiras, mas intensa em riquezas da alma, com convivências e amizades qualificadas como a de Leibniz, de Huygens, de Henrique de Odenburg e de João de Witt, primeiro magistrado da república holandesa.<sup>23</sup>

Dedicou sua vida a pensar, inclusive sobre as razões do próprio pensamento e que no seu entender “*é um dos atributos infinitos de Deus, expressando uma essência eterna e infinita de Deus*”.

E afirma, como conclusão: “*A substância pensante e a substância extensa são uma e a mesma substância, compreendida desde logo sob um atributo, como sob outro.*”

Ao admitir que a alma é parcela da inteligência divina, também entende que “*A ordem e a conexão das ideias são o mesmo que a ordem e a conexão das coisas.*”

Sendo um cientista da *Ética*, genial como foi, não deixou, pois, de conectar os objetos que a seu alcance podia observar e os fatos sobre os quais podia perceber os efeitos com a complexa organização do Cosmos, presidido por uma inteligência geradora de todas as demais e estas como decorrências ou parcelas da maior.

A associação do metafísico com o físico, tão condenada por muitos

cientistas,<sup>24</sup> mas realizada por Espinosa, é hoje um caminho que volta com toda a força a invadir o domínio das ciências.

A consciência ética, pois, no entender do pensador holandês, possuía fortes sabores cósmicos, uma vez que o homem, em sua forma de observar, agia de acordo com a energia que recebia, e com a responsabilidade de moldá-la ao necessário, sem deformar sua gênese.

<sup>23</sup> Witt contribuiu com recursos numerários para ajudar Espinosa, que vivia modestamente e tinha precária saúde, falecendo ainda em idade em que muito poderia produzir, vitimado por doença pulmonar.

<sup>24</sup> A alegação é de que, sendo o Metafísico o extralógico e a ciência uma decorrência do pensamntn lhnnn mnnoo(.ral A

§

**Ética como doutrina da conduta humana 31**

Por isto afirmou que: *“Pertence à natureza da razão considerar as coisas não como contingentes, mas como necessárias.”*

A conduta, pois, para ser natural, útil, deve ser volvida ao amor, ao útil, não por ser obrigatória, mas por ser necessária.

Isto é o que se pode inferir de seus raciocínios, especialmente porque para ele a vontade não deve ser indefinida, mas a de “causa necessária”.

Entende Espinosa que a vontade tem uma causa formada, um embrião impregnado de dependências (nega a liberdade como essência, na Vontade).

É óbvio que a liberdade a que se referia era aquela falsamente apregoada “podemos tudo o que quisermos”, equívoco enfoque que se esbarra nas muitas limitações da existência e que não condiz, em verdade, com o encadeamento de causas e efeitos de que está impregnada toda a organização do universo (cada vez mais comprovada pela própria ciência). Escreveu Espinosa que *“Não há na alma vontade alguma absoluta ou livre; porque a alma é determinada por outra e esta, por sua vez, ainda por outra, e assim até o infinito.”*

A nossa subordinação faz de nossos atos aparentemente livres apenas a expressão de uma vontade que já foi modelada em outras causas, não possuindo, pois, o sentido de absoluta vontade, mas de um impulso que se origina em determinações muitas vezes alheias às que criamos (se é que criamos de forma absoluta alguma coisa...).

Negar, todavia, a capacidade de exercer uma vontade seria contraditório se ao admitirmos possuir a mesma natureza do divino, e a Ele atribuir-se o exercício da vontade, não se podendo admiti-la em nós mesmos.

Admito, pela análise da obra de Espinosa, não ter sido este seu propósito, ou seja, da crença da anulação do ser, por absoluta dependência, inclusive de pensamento e ação.

Escreve, pois, o mestre: *“A alma, enquanto tem ideias claras e distintas e*

*também enquanto tem ideias confusas, esforça-se por perseverar em seu ser com uma duração indefinida, tendo consciência de seu esforço.”*

Definem-se aí os limites conceptuais de vontade e de consciência, mesmo sabendo-se que há prodigioso complexo que nos sugere a formação das ideias e que este se estrutura em face do que absorvemos, conhecemos e herdamos

rrrrn nính-nc çln nncenc aannn

### 32 Ética profissional Lopes de Sá

O sentido que Espinosa quis ressaltar de liberdade, pois, não é o que se refere à consciência, mas aos efeitos que sobre ela atuam na construção de nossos pensamentos.

O fato de reconhecermos as causas exteriores (como apregoa Espinosa) não exclui a da aceitação de nossa força interior, competente para discernimentos e entendimentos da própria vida.

*Seria absurdo admitir que os atos lesivos que possamos praticar contra nós mesmos e nosso próximo, fossem frutos de uma causa agente sobre a qual não possuímos nenhum domínio; se eliminássemos os atos da determinação própria, o ato doloso encontraria justificativa em uma Vontade alheia e não naquela que levou o ser à prática de tal conduta e, nesse caso, seria injusto punir-se a quem quer que fosse, pois ninguém seria responsável por coisa alguma.*

Se a virtude é da essência do homem, o vício é sua antítese, mas não deixa de ser sua vontade, decorrente de seu poder de contrariar sua natural conformação.

Espinosa não negou a formação dos desejos e nem suas hierarquias, nem sequer a capacidade do homem ter vocação para o que lhe agrada, como exercício de vontade e assim, admito, devemos entender suas observações sobre os aspectos relativos de uma liberdade do ser.

Isto confirma-se no teorema de Espinosa: “O homem livre jamais age enganado; age sempre *de boa-fé*. O homem dirigido pela razão é mais livre na cidade, onde vive de acordo com a lei comum. Na solidão não obedece *senão a si próprio*.”

*“Um homem livre não teme coisa alguma, nem a morte; sua sabedoria é uma meditação, não sobre a morte, mas sobre a vida.”*<sup>25</sup>

John Locke

Locke<sup>26</sup> acompanha a tendência de conservação do ser e acrescenta que se deve evitar a tristeza, auxiliando a experiência pelas sensações e reflexões, buscando-se, ao máximo, a alegria de viver.

Sobre o temor à morte já escrevia Sêneca, no tempo dos Césares: “temer a morte é morrer muitas vezes”; e quase meio milênio antes de Cristo

Sócrates já lecionava sobre o destemor à morte. <sup>26</sup>LOCKE, John. Filósofo inglês, miscido em 1632 e falecido em 1704. Liberal, defensor da

experiência, auxiliada pela sensação e reflexão, como método, tem na obra *Ensaio sobre o entendimento humano*. a mais v,linv,

### Ética como doutrina da conduta humana 33

A Ética, nos séculos XVII e XVIII, parece não ter discrepância quanto ao sentido de uma valorização do ser, pelos caminhos de sua preservação e felicidade 27 e este filósofo não discrepa dessa linha.

Conservar-se em prazer, como móvel, como conduta ética preponderante, foi uma forma de apresentar, com roupagem nova, velhos pensamentos.

Locke, já no início de sua obra mestra, nega o conhecimento inato, ou seja, afirma que tudo é adquirido nesse particulaQ8 condicionando, pois, a estrutura mental a um processo de conquista da verdade por um processo educacional e cultural, obrigatório, por iniciativa do ser ou de terceiros.

Isto permite a dedução de que a conduta, movida pelo cérebro, pelo espírito, é fruto de algo adquirido, excluídas, pois, para o filósofo, as causas naturais.

Para ele “*ideia e’ o objeto do pensamento*” e “*todas as ideias derivam da sensação ou reflexão*” sendo “o objeto da sensação *uma fonte das ideias*”.29

Tal posicionamento nos evidencia como esse filósofo considerou as fontes da conduta e como atribuiu importância à *gênese da conduta* ou *gênese da formação e evolução ética*.3°

Partindo de suas premissas defende a percepção como fonte da ideia: “a alma começa a ter ideias quando começa a perceber”, “a alma nem sempre pensa, pois isto necessita de provas”.3’

É, todavia, quando do conhecimento e de sua extensão que Locke estabelece as linhas de uma gênese de suas concepções éticas, embora não dê a esta a seriedade científica que Espinosa atribuiu e nem tenha a qualidade de uma visão específica do assunto.

Nos capítulos finais de seu trabalho é que o filósofo inglês procura traçar linhas de uma conduta a partir das motivações das ideias, a meu ver dignas de consideração para a cultura sobre a matéria.

27 No que tange à felicidade, nada de inovador ocorria, pois, como já foi visto, Aristóteles entendeu que esse era o caminho, a partir da virtude, da razão.

28 LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento humano*. Livro 1, Cap. 1. Tal assertiva do filósofo inglês é hoje contestada pela ciência moderna, defensora de que existem condições hereditárias ainda não totalmente explicadas, mas, constatáveis, através das programações energéticas das células.

29 Ibidem. Livro II, Cap. 1, 1, 2 e 3.

30 Sobre esse assunto dedicamos um capítulo deste livro.

31 *fl., ... i., ... -n’*

Gottfried Wilhelm Leibniz

Leibniz<sup>32</sup> entendeu que as normas da moral não são inatas, mas que existem verdades inatas; de uma forma extremamente singela apresentou a que lhe pareceu a mais importante: “*não façais aos outros senão aquilo que gostar(eis fosse feito a vós mesmos)*”.<sup>33</sup>

Quanto à existência da verdade natural escreveu o ilustre filósofo alemão que elas se encontram em nós pelo *instinto e pela luz* e que “*somos levados aos atos de humanidade por instinto*”.<sup>34</sup>

Leibniz, nas obras que dele foram encontradas inéditas, todavia, segue de perto o pensamento de Espinosa com um rigor e lógica extraordinários. Ao admitir um número indeterminado do que chamou de “monadas”, proclamou a existência de substâncias múltiplas de que se compõe o ser, ou seja, o homem de Leibniz é todo um universo de substâncias com suas almas consideradas abstratas, mas com suas propriedades específicas.<sup>35</sup> Isto dá uma ideia de como era complexa sua forma de apresentar a consciência, geradora da conduta.

Entendeu ele, também, que muitos mundos existem e que Deus age dentro de uma razão lógica, havendo, pois, razão para tudo o que acontece e que o bem sempre prevalece sobre o mal.

Sobre os males, entretanto, entendeu como necessários, porque estão associados a grandes bens.

Dá a entender que o bem seria difícil de identificar-se e até de desfrutar-se, caso não existissem os males que servem para avaliar o que é bom.

Exemplifica, em sua obra, condutas de sociedades humanas que nos inspiram espanto e asco, mas perfeitamente aceitas pelo grupo, como a que exemplifica dos caraíbas que castravam as crianças para que engordassem e depois as devoravam.

<sup>32</sup> LEIBNIZ, G.W. Filósofo e matemático alemão, nascido em 1646 e falecido em 1716, produziu uma doutrina idealista. Inventor do cálculo infinitesimal e pioneiro da lógica matemática. Empregou, segundo pensadores modernos, como Russel, muitas fantasias em suas tarefas filosóficas.

LEIBNIZ, G.W *Novos ensaios sobre o entendimento humano*. Cap. II, parágrafo 4.

Ibidem.

Também as doutrinas religiosas egípcias, existentes há milênios, proclamavam a multiplicidade de espíritos de que cada ser se compõe, em vez de uma só alma como geralmente se referem

A e non c.,4nmc

£

Ética como doutrina da conduta humana 3.,

Nesse particular *questiona o conceito relativo de bem em face da sociedade*

*humana e destaca o mal em si para que se compreenda a essência do bem em sentido amplo e substancial, afirmando que Deus é a bondade.*

Afirma que o Criador, sendo o bem, este em cada um imprimiu, mas nem todos sabem e souberam fazer tal leitura.

Complementa afirmando que os limites de justiça nem sempre são assirnL láveis pela sociedade e que a conduta humana absolutamente justa termina por conflitar-se com aquela do grupo social.<sup>36</sup>

Nega, pois, o caráter verdadeiro, inato, da lei e admite que a sociedade pode consentir em transgredi-la, por não afinar-se ao conceito de justiça dos seres (no Brasil, por exemplo, na atualidade, isto ocorre com diversos faws, bastando citar o exemplo do cheque pré-datado que, sendo ilegal, é até reqi.ilado pelo Banco Central, por ser aceito pela comunidade).

Entende ele, pois, que *“A ciência moral (além dos instintos, como o que nos faz abraçar a alegria e evitar a tristeza) é inata da mesma forma que o é a arftr• rica, pois ela depende também das demonstrações que a luz interna nos forn:*

Determinista, Leibniz admite que cada ser age como se fosse um univnrsr à parte, por suas próprias ideias, mas em busca sempre de uma conipos.ç;\* entre os outros seres existentes.

As influências dos estudos desse notável pensador ocorreram aiai. Alemanha que em outros países, mas trouxeram contribuições no carrt.\* ética, notadamente no que se refere aos fundamentos.

David Hume

Rume,<sup>38</sup> destaca-se no campo da Ética pelo seu posicionamento uU.1 a rista, como um questionador das causas promotoras das virtudes, dos vícios,

<sup>36</sup> Op. cit. Livro 1, Capítulo II, parágrafo 11.

LEIBNIZ, G.W *Novos ensaios sobre o entendimento humano*. Livro 1, Capítulo II.

<sup>38</sup> HUME, David. Filósofo e historiador inglês, nasceu em 1711 e faleceu em 1776, possurid

como obras: *Tratado da namreza humana*, em três volumes, escritos quando estava na Fram

*Investigação sobre o entendimento humano* (seu livro de maior repercussão, inclusive o qu

penou Kant) e diversos ensaios como os “Ensaio Morais, Políticos e Literários”; a ele a

.L. Cl.....t e.....

1

**36** Ética profissional Lopes de Sã

da verdade, da falsidade, da beleza e da fealdade<sup>39</sup> e como um precursor de conceitos sobre os móveis da conduta humana.

De forma contundente, notadamente para sua época, afirma: *“O caminho mais suave e pacífico da vida humana segue pelas avenidas da ciência e da instrução; e todo aquele que for capaz de remover algum obstáculo nesse caminho ou de abrir alguma perspectiva nova deve ser considerado como benfeitor da humanidade.”*<sup>40</sup>

Para ele o valor do conhecimento estava no campo da ciência, mesmo em uma época em que esta não era considerada prioritária nem sequer nas universidades.<sup>41</sup>

Defende uma ciência pelas vias da experimentação, ou seja, pelo conhecimento das causas e não dos agentes que possam promover a causa. Coerente com sua posição, admitiu a *percepção* como fundamento, ou seja, como *formadora de ideias* e, obviamente, da própria *consciência ética*, repudiando a ideia do “*eu*”, como substância.<sup>42</sup>

Tais formas de pensar levaram Hume a descrever seu ponto de vista sobre a associação de ideias, sobre as operações do entendimento etc., tudo na perseguição de conclusões sobre a ação do cérebro (importante fator na formação da conduta).

Quando trata, todavia, da liberdade e da necessidade, penetra no campo que diz diretamente respeito à Ética, tratando da paz e da segurança da sociedade humana através da conduta.<sup>43</sup>

Uma de suas observações relevantes que anteciparia às que hoje se dizem tão modernas no campo do conhecimento, foi o relevo que deu à História. Mas não a História como narração de fatos e, sim, como afirma: “*para as nossas observações sobre os móveis habituais da ação e da conduta humana*”.

**Op.** cit. Seção 1, 2.

° Ibidem. Seção 1, 6.

<sup>41</sup> O ensino obrigatório das ciências, nas Faculdades específicas para os diversos ramos, parece ter sido introduzida apenas no século XIX, por Napoleão, através das reformas de Clemenceau.

<sup>42</sup> O repúdio do eu que Hume abraça já tinha sido proclamado há milênios, por Buda, na filosofia oriental.

HUME, David. *Investigação sobre o entendimento humano*. Seção VIII, Parte 1.

<sup>44</sup> TI.,... --

t  
e

**Ética como doutrina da conduta humana 37**

A identificação do *móveis da ação da conduta*, como se acha no texto de Hume, como matéria do século XVIII, está absolutamente de acordo com os textos que se dizem “moderníssimos” da Ética, como ciência da conduta e esta como decorrência do que move a consciência humana.

A importância do valor desse filósofo, pois, foi sua sensibilidade para o científico, para o verdadeiro objeto de uma ética como estudo da conduta humana e da história como fonte de indagação na análise dessa mesma conduta, ao longo do tempo e nos diversos lugares.

E ele justifica suas ideias afirmando: “*A humanidade é mais ou menos a mesma em todas as épocas e lugares.*”<sup>45</sup>

Sobre a realidade ética, em sua época (há mais de um quarto de milênio), afirma fatos que também nos parecem ser a realidade de nossos dias:

*“embora se dê o devido peso e autoridade à virtude e à honra, nunca se espera das multidões e dos partidos esse perfeito desinteresse que tantas vezes se nos procura inculcar; de seus líderes muito raramente; e quase nunca dos indivíduos de categoria e posição”.*<sup>46</sup>

Hume ressalta que a conduta, nas sociedades, nem sempre está de acordo com a virtude, como padrão ideal a ser alcançado; a realidade bem nos mostra a validade dessa afirmativa; os atos de corrupção no Poder, as mentiras habituais que homens públicos, em cargos de destaque, veiculam, a condução da imprensa ao sabor dos interesses econômicos de minorias e em detrimento das majorias etc., são transgressões da Ética que comprovam a verdade enunciada pelo ilustre filósofo, há tanto tempo. A prática do vício, o desrespeito ao patrimônio público, a deslealdade, a falta de sinceridade, a traição, em suma, as mais torpes práticas do mal contra a sociedade têm sido praticadas, em todo o mundo, por expressivo número de políticos e dirigentes, pelos homens que se dizem representantes do povo, ignorantes da ética, levando as massas a profundas descrenças. Isto, apesar da dependência que todos possuem na vida associativa, ou seja, da inequívoca influência que os atos viciosos possuem sobre o povo; os males praticados com o rompimento da ética podem atingir a todos, por mais insignificantes que sejam, especialmente quando dimanados das esferas superiores do poder.

Ibidem.

r

38 Ética profissional Lopes de Sá

Assim adverte Hume: *“Tão grande é a mútua dependência dos homens em todas as sociedades, que quase não há ação humana que seja completa em si mesma ou que se realize sem alguma referência às ações alheias, necessárias para que ela corresponda plenamente às intenções do agente.”*<sup>47</sup>

A partir dessa interação social, o emérito filósofo reconhece a liberdade como base de toda a Ética, a necessidade também como relevante condição e afirma que na medida em que se praticam as garantias de suprimento de tais elementos, assegura-se a paz e a segurança da sociedade humana.<sup>48</sup>

Immanuel Kant

Kant<sup>49</sup> surge em uma época em que, como antecedentes, haviam prevalecido pensamentos de inclinações sociais, baseados em um mundo tolerante, das filosofias de Locke, Berkeley e Hume, possuindo como base de suas influências aquela de Leibniz.

Com formação liberal, deixando-se depois influenciar por Rousseau, Kant legou um acervo de raríssima importância ao campo da Ética.

Seus trabalhos, assumindo características próprias, nem sempre didáticos, influenciariam os de Hegel.

Em sua *Crítica da Razão Pura* (1781) demonstra que coisa alguma do que conhecemos pode transcender a experiência, mas, desta, preliminarmente, é extraído.

Segundo Kant, o ambiente produz a sensação, mas é nosso cérebro que prevalece sobre tudo; para ele espaço e tempo são percepções de nossa experiência e possuem o sabor de nossos julgamentos, não sendo mais, pois, que conceitos que formamos.

Afirma que a razão guia a moral e que três são os pilares em que esta se sustenta: Deus, liberdade e imortalidade.

HIJME, David. *Investigação sobre o entendimento humano*. Seção VIII, Parte 1, 69. Ibidem. Seção VIII, Parte II, 80.

Immanuel Kant foi dos mais célebres filósofos de sua época. Nascido na Alemanha, em 1724,

ele também faleceu em 1804. No campo da Ética têm relevo suas obras *Crítica da razão prática*

e *Crítica do juízo e do fundamento da metafísica dos costumes*, basicamente, mas de grande faina

mesmo é sua obra *Crítica da* Rn5n P,,rn Tpvo nrnAinA, A. n»...-...-...-

e

Ética como doutrina da conduta humana **39**

Entende que a razão quando não se aplica à moral, deixa de ter sentido e se sujeita a produzir sofismas.

Reclama, para a lei moral, o emprego da justiça de modo que a felicidade se distribua de acordo com os méritos defluentes da prática da virtude.

Afirma, entretanto, quando a simples inclinação para o cumprimento da lei, por respeito, não é o exercício de uma vontade por si mesmo, na essência, escrevendo: “*O valor moral da ação não reside, portanto, no efeito que dela se espera; também não reside em qualquer princípio da ação que precise de pedir seu móbil a este efeito esperado.*”<sup>5°</sup>

Leciona que sem liberdade não pode haver virtude e sem esta não existe a moral, nem pode haver felicidade dos povos, porque também não pode haver justiça.

No que tangia à felicidade escreveu: “*assegurar cada qual sua própria felicidade é um dever pois a ausência de contentamento com seu próprio estado num torvelinho de muitos cuidados e no meio de necessidades insatisfeitas poderia facilmente tornar-se uma grande tentação para transgressão dos deveres*”.<sup>5'</sup>

O dever de ser feliz, dentro de limites de uma razão que inspira a boa vontade, para ele tinha um duplo sentido: o da satisfação do ser e o do impedimento dos atos antiéticos.

Tal fato se comprova amplamente na prática quando o desemprego aumenta, gerando, concomitantemente, a criminalidade, a prostituição e outras mazelas sociais.

A Ética de Kant<sup>52</sup> é algo que se impõe pela qualidade das razões, pois, isola a metafísica da moral dos demais conhecimentos a que estava até então ligada.

Atribui à “razão” a exclusiva responsabilidade da origem das ações éticas e admite que só existe valor quando o homem age sob o impulso de um sentimento de dever, daquela dimanado.

Quando alguém cumpre um dever ético por interesse, admite Kant, pode lucrar com isto, mas não pode receber a classificação de virtuoso.

A lei da vontade ética é a que, entende ele, sobre todas prevalece.

<sup>50</sup> KAN1 1. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Primeira seção.

· Ibicidem.

<sup>52</sup> A —

#### 40 Ética profissional Lopes de Sá

Por isto, escreve: *“nada é possível pensar que possa ser considerado como bom sem limitação, a não ser uma só coisa: uma boa vontade”*.<sup>53</sup>

*“Poder, riqueza, honra, mesmo a saúde, e todo o bem-estar e contentamento com sua sorte, sob o nome de felicidade, dão ânimo que, muitas vezes, por isto mesmo, desanda em soberba, se não existir também a boa vontade que corrija sua influência sobre a alma e juntamente todo o princípio de agir e lhe dê utilidade geral... “a boa vontade parece constituir a condição indispensável do próprio fato de sermos dignos da felicidade.”*<sup>54</sup>

O que chamou ele de *“boa vontade em si mesmo”*, pois, estava acima das práticas usuais das virtudes que reconhecia como habitualmente aceitas, tais como a moderação das emoções, moderação das paixões, autodomínio, calma e reflexão; só aceitava a virtude completa se dimanada de um precedente a que denominou de boa vontade.

Embora o grande filósofo tivesse vivido em uma época bem menos complexa que a nossa, embora fosse demasiadamente metódico e jamais tivesse saído de seu país para conhecer outros, não podemos negar que sua visão Ética em grande parte se aplica aos nossos dias.

Algumas de suas concepções, todavia, parecem-nos inadequadas para o mundo atual, inclusive exemplos práticos de virtude que apresenta e que não nos parecem hoje exequíveis.

*Kant foi apologista do ser racional, como elemento ligado a uma comunidade, com deveres para com ele mesmo e para com o todo e, a partir dessas considerações, lustrado em uma Felicidade também de efeitos racionais, ergueu sua doutrina guiada pelo móvel da conduta, condicionando o conceito de bem à lei moral e esta a uma vontade guiada pela razão.*

Jeremy Bentham

Bentham<sup>55</sup> considera a moral como uma das quatro fontes que produzem o prazer e a dor nos seres humanos e como introdução de suas exposições,

KAN1 1. *Fundamentação da metafísica dos coswnzes*. Primeira seção.

Ibidem.

5BENTHAM,J. Filósofo e jurista inglês, nascido em 1748 e falecido em 1832. /'u 5

**Ética como doutrina da conduta humana 41**

leciona: *“Se o prazer e a dor estiverem nas mãos de pessoas que por acaso ocupam um lugar de destaque na comunidade, segundo a disposição espontânea de cada pessoa, e não de acordo com alguma regra estabelecida ou acordada, podemos dizer que o prazer e a dor derivam da sanção moral ou popular.”*<sup>56</sup>

Seguiu ele o utilitarismo que no campo se instalara em sua época e que se acentuaria no século XIX (quando ele ainda vivia) e adotou linhas semelhantes as de Espinosa quanto a apresentação de proposições lógicas no campo da Ética. Apologista do dualismo –dor e prazer – nele resumiu toda sua doutrina ética, impregnada fortemente de uma tendência para o maior proveito que a conduta possa oferecer como veículo de felicidade.

Tomando por base tal parametria, ofereceu bases para uma ordem de julgamentos sobre a vontade como móvel da conduta, traçando uma condução de pensamento no campo da Ética.

Para esse filósofo, que tantas influências provocou no pensamento de outros,<sup>58</sup> na legislação de seu país, os conceitos de consciência, sentido moral, obrigação moral, foram visões de uma realidade que ele apregoou existir, no cálculo dos prazeres e das dores.

Apresentou, portanto, um “método para medir uma soma de prazer ou de dor”, encontrando o *valor* a partir das seguintes circunstâncias: *intensidade, duração, certeza ou incerteza e proximidade ou longinquidade*.<sup>59</sup>

A isto aduz que *“quando o valor de um prazer ou de uma dor for considerado com o escopo de avaliar a tendência de qualquer ato pelo qual o prazer ou a dor são produzidos, é necessário tomar em consideração outras duas circunstâncias”*; tais circunstâncias, entende ele, *sejam: fecundidade e pureza*. Depois acrescenta mais outra, quando se trata de grupo, que é a *extensão* ou número de pessoas. Oferece como critério básico o dos seis elementos, para o caso individual e o sétimo só se incorpora quando se trata de medir grupos.

Foi um superdotado em inteligência, aprendendo latim e francês aos seis anos de idade e aos

12 anos já estava na Universidade. Foi um radicalista e militarista.

<sup>56</sup>BENTHAM, 3. *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*, Capítulo II, V

Entendo, particularmente, todavia, ter sido Espinosa o que mais epistemologicamente tratou

da natália Ética dentre os filósofos modernos.

Seus trabalhos não só influenciaram o liberalismo inglês como a James e John

#### 42 Ética profissional Lopes de Sá

Seu sistema de medição envolve muitos elementos, é complexo, e fala, ainda, de um “balanço” que se derivaria de todas as somas dos valores dos prazeres e dores e que ele sugere sejam colocado lado a lado, como na forma contábil.

A “Contabilidade de Prazeres e Dores”, sugerida por Bentham, procura um grau de exatidão, segundo ele mesmo sugere; escreve que se ocorrer um resultado positivo do prazer, a tendência é boa; se houver prevalência da Dor, a tendência será má.<sup>60</sup>

Com isto termina por fechar toda sua valorimetria consagrando como resultados o bom e o mau, como equivalência de prazer e dor.

Ao estabelecer seus conceitos éticos Bentham aproveita-se de muitos outros filósofos clássicos e modernos e os reveste sob novos rótulos conceituais.

No que tange à intenção com que um ato é praticado, desenvolve um capítulo sobre a Intencionalidade e outro sobre a Consciência, dando destaque ao fato de que muitas ações julgadas como más são, às vezes, praticadas com a melhor das intenções, defendendo a não correlação compulsória entre a intenção e seus efeitos.

Atribui, também, valor especial ao “motivo” ou móvel da conduta (razão pela qual alguém é levado a praticar um ato) e sobre a questão destaca que tal conceito pode referir-se a percepção interna do ser ou a eventos externos e que *“se os motivos são bons ou maus, será exclusivamente em razão de seus efeitos”*.<sup>61</sup>

Com tais razões, aceitou que o prazer é um bem em si, mas afirmou que o efeito dos motivos podem ser bons ou maus.

O rigor do utilitarismo de Bentham concorda também com Kant, quando afirma que *“De todas as espécies de motivos, o da boa vontade é aquele cujos ditames, considerados de maneira geral, apresentam a maior certeza de coincidirem com os motivos do princ(pio de utilidade.”*<sup>62</sup>

No desenvolvimento maior de seu trabalho e que é sobre os “motivos” (causa móvel da conduta), chegou à conclusão de que os que impelem ao ato são os “impulsionantes” e os que repelem o ato são “demonstrantes” e termina por acolher a coexistência desses, ou seja, o querer e o não querer, como estímulos iguais e contrários.

.. BENTHAM, J. *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*. Capítulo VI. <sup>61</sup> Ibidem. Capítulo X, XII.

<sup>62</sup> Ibidem flnníitiiln Y nr 0C'. An vvInTI

Diversos outros ilustres pensadores cuidaram da Ética, sob prismas repetitivos em relação aos já comentados, acrescentando, entretanto, pequenos detalhes, alguns mais de forma que de essência,

A moral do altruísmo alcançou um de seus pontos mais altos com Comte, pai do positivismo que tanta influência teve no Brasil.<sup>63</sup>

A chamada “Ética Biológica”, de Spencer,<sup>64</sup> vê na prática das normas morais a melhor adaptação do homem a seu sistema de vida.

Admite ele que através das experiências consecutivas o homem vai adaptando-se às mutações da vida e termina por estabelecer os costumes que passam a influir sobre as condutas.

Acredita em uma ética evolutiva, competente para dar ao homem, cada vez mais, melhores condições de uma existência digna.

Contemporaneamente diversos filósofos e escritores cuidaram da mesma questão, uns com mais felicidade que os outros no enfoque científico.

Russel, por exemplo, negou à Ética sua condição científica, ao afirmar que não possuía senão expressões de desejos, situando-se em uma ótica acanhada e muito aquém de sua competência.<sup>65</sup>

Teve grande influência, como pensador, mas discordo de sua posição no que tange ao posicionamento científico da Ética, por contrariar tudo o que no terreno da epistemologia se tem aceito modernamente e todo um acervo de conhecimentos acumulados durante milênios.

Igualmente, as críticas à moralidade que empreendeu, algumas, entendemos, como justas, não justificam, de forma alguma, o abandono do tratamento racional a um estudo que tem condições de ser realizado sob a égide da ciência.

Não se trata de analisar desejos isolados, como inadequadamente situou Russel, mas de conhecer sob que condições a conduta se opera em suas relações

<sup>63</sup> COMTE, Augusto. Filósofo e matemático francês nascido em 1798 e falecido em 1857, autor do famoso tratado em 6 volumes *Cozas de philosophie positive* e outros trabalhos, tendo sido o criador da Sociologia científica. Seu lema Ordem e Progresso estampou-se na bandeira brasileira como símbolo, extraído do axioma de Comte.

<sup>64</sup> SPENCER, Herbert. Filósofo inglês, nascido em 1820 e falecido em 1903.

<sup>65</sup> PTTÇÇPT flartnnA Ppliaim ,,,A 1n3

e

44 Ética profissional Lopes de Sã

de uma vontade que provém de fenômenos específicos e que provocam outros tantos, também específicos.

Se tivéssemos que negar os aspectos de ocorrência dos fenômenos éticos também deveríamos negar a dos econômicos, sociais, psicológicos e tantos

que dependem da vontade do ser humano perante a realidade da existência. Na modernidade ocorreram diversas tendências, como as do russo Nikolay Alesandrovich Berdyayev, sobre a liberdade do espírito individual; a do austríaco Martin Buber, sobre a reciprocidade da moral; a do francês Gabriel Marcel e a do alemão Karl Jasper, sobre a comunicação e os fatores éticos; a do francês Jean Paul Sartre e a do instrumentalista John Dewey, norte-americano; de seu conterrâneo Sidney Hook sobre a Ética e o processo econômico; de Mortimer Adier; dos franceses Alexis Carrel<sup>66</sup> e Pierre Theilhard de Chardin<sup>67</sup> etc.

Uma relação de nomes dos pensadores contemporâneos sempre comete a injustiça com algum estudioso, omitido no destaque.

Entendo que muitas vezes não é o que mais se notabiliza em sua época que traz a maior contribuição; a máquina publicitária dos países mais desenvolvidos, notadamente os Estados Unidos, tende a valorizar alguns estudiosos que são inferiores a outros que, por serem de países mais pobres, podem, todavia, possuir ideias mais ricas, mas não a maior evidência momentânea; gerações futuras são, às vezes, as que vão melhor avaliar o trabalho dos que em suas passagens pelo planeta não conseguiram o reconhecimento imediato de seus feitos.

Sempre ocorreram, desde os clássicos, das escolas gregas, dos estoicos, dos epicuristas, dos utilitaristas etc. formações de escolas de pensamentos, como sucede, normalmente, em todos os ramos do conhecimento humano. A modernidade não foge dessa linha histórica e evolutiva.

As variações ocorridas nos pensamentos, as influências de outros aspectos, como os políticos, religiosos, econômicos, mostram que a conduta humana é rica em sua produção de fenômenos, merecendo, portanto, múltiplas concepções e estudos ambiciosos, no sentido de conhecer e explicar a conduta humana.

<sup>66</sup> A obra de Carrel sobre a conduta humana e seus aspectos, sob o título *Rejexions sur la conduite de la vie* (editada em Portugal, no Porto, pela Editora Educação Nacional, em 1950, sob o título *O homem perante a vida*), merece consideração, apesar de sua monocular visão religiosa. <sup>67</sup> A obra de Chardin, *Ofenôrneno humano*, tem fundamentos relativos ao sr e sua conduta que merecem, igualmente, consideração, ressalvadas, também, as faces religiosas e subjetivas do

t

r

**Ética como doutrina da conduta humana 45**

Entendemos, como meritórios e necessários, todos os esforços que corajosamente buscaram disciplinar racionalmente o estudo, mas recusamo-nos a concordar com os que, com Russel, tiveram tão modesta compreensão da extensão do assunto.

Conceito de ética científica de Giovanni Vidari

Outros, menos considerados pela publicidade internacional sobre o valor real intelectual, entretanto, como Vidari, conseguiram, já na época contemporânea, um enfoque de dignidade para a Ética, escrevendo:

*'14 Ética é a ciência que, tendo por objeto essencial o estudo dos sentimentos e juízos de aprovação e desaprovação absoluta realizados pelo homem acerca da conduta e da vontade, propõe-se a determinar:*

*a. qual é o critério segundo a conduta e a vontade em tal modo aprovada se distinguem, ou ainda, qual é a norma, segundo a qual se opera e deve operar a vontade em tal conduta, e qual o fim que na mesma e para essa se cumpre e se deve cumprir;*

*b. em que relações de valor estão com observância daquela norma e a obtenção daquele fim as diversas formas de conduta, individual ou coletiva, tais como se apresentam na sociedade e na época à qual pertencemos."68*

Aceita, pois, o emérito autor, que a Ética é ciência e que seu objeto é composto de juízos formados pela aprovação ou não de condutas humanas, estudadas sob o prisma de seus efeitos.

No desenvolvimento de tais indagações, segundo o autor, inclui-se o exame da vontade, como elemento de destaque, ou seja, o estímulo condutor que é egresso de uma consciência e assim desenvolve seu trabalho.

*O objeto da Ética aflora, pois, como também aceito, como a matéria de estudos das relações entre a vontade e a conduta, como isto se processa perante o coletivo*

*e o individual, em causa, efeito, no tempo, no espaço, em qualidade, quantidade, em face das ambiências próximas e distantes.*

VIDARI, G. *Elementi di etica*. 52 ed. Milão: Ulrico Hoepli, 1922. Tradução, página 3.

A obra de Vidari foi clássica, até a primeira metade deste século XX, sendo digna de notoriedade na

46 Ética profissional Lopes de Sá

Conhecer, pois, sob que condições a vontade se opera para produzir a conduta, passa a ser preocupação científica.

Em verdade, tudo o que pode ser objeto de conhecimento pode ser também objeto de ciência, desde que se condicione à disciplina do método e tenha por meta encontrar realidades ou sustentações lógicas.

Não se trata de analisar desejos isolados, como inadequadamente situou Russel, mas de conhecer sob que condições a conduta se opera em suas relações de uma vontade que provém de fenômenos específicos e que provoca outros tantos, também específicos.

Se tivéssemos que negar os aspectos de ocorrência dos fenômenos éticos também deveríamos negar a dos econômicos, sociais, psicológicos e tantos outros que dependem da vontade do ser humano perante a realidade da

existência.

O que torna científico um conhecimento não é a opinião isolada deste ou daquele pensador, por mais nome que tenha alcançado, mas o rigor com que, de forma racional, estuda-se um objeto determinado (e qualquer um pode ser matéria de exame), sob um aspecto especial, metodologia definida, tudo na busca da explicação de acontecimentos que possam ter validade geral e aceitabilidade lógica.<sup>69</sup>

Einstein e a visão ética

Apesar de toda a rebeldia que aparentava, Albert Einstein foi um ser que primou pela humildade, afabilidade, cordialidade e extrema confiança em tudo o que fazia; a própria irreverência que usava como efeito de um inconformismo acentuado ele a perdeu aos 75 anos.

Dedicado extremamente à Física, às Matemáticas, deixou, todavia, marcantes visões éticas reveladas em opiniões sobre o mundo e a vida. A existência tumultuada, plêna de mudanças, desde a radical em 1933 quando renunciou a cidadania em razão do que os nazistas alemães, comandados por Hitler faziam em seu País, tudo somado a muitos problemas familiares, perseguições nas Universidades, fizeram de Einstein não só o gênio da Física, mas um ser experiente, capaz de ditar lições sobre o comportamento humano.

<sup>69</sup> Wfsobre a matéria nosso trabalho que obteve o primeiro lugar no concurso oficial da *Revista Técnica Econômica*, recebendo o Prêmio de Literatura na Espanha, em 1995, intitulado 'Autonomia e Qualidade Científica da Cnntibili&u1e" ml n,it-tp rpl,t;vro

Ética como doutrina da conduta humana 47

Desprezando o luxo, foi um desprendido em relação a bens materiais. Das bases de seus conceitos e visões sobre a Ética é possível dar destaque a pontos relevantes como:

1. Amor à simplicidade, à liberdade, ao respeito a cada ser e à humanidade;
2. Consagração ao conhecimento e ao trabalho;
3. Recusa a dogmas e normas impostas; amor extremo à liberdade de pensar;
4. Recusa ao conformismo e à submissão;
5. Aceitação de que tudo é compreensível e que o universo apesar de seguir a leis, tem como imperiosa a evolução constante, por isto devendo ser digno de estudo e admiração;
6. Repúdio à escravidão no ensino e à prática deste sob visão monocular;
7. Confiança de que cada ser, quando livre de pensamento, pode ser criativo, contribuindo pelo conhecimento adicionado para melhores condições de vida;
8. Condenação a todo tipo de autocracia e discriminação; repudiou o capitalismo canibal e o comunismo fanático;

9. Atribuição dos males do mundo à ignorância e desamor;
10. Entendimento que a procura da verdade é mais importante que simples acumulação do conhecimento sobre ela;
11. Desprezo pelos pequenos riscos e extrema cautela em relação aos grandes;
12. Crença de que é muito difícil ensinar ou aprender o que não se ama;
13. Aceitação plena de que a humildade intelectual é condição imprescindível para a grandeza do ser e progresso da ciência;
14. Compreensão de que realidade e razão devem caminhar juntas, embora nem sempre tais coisas estejam em regime de coincidência;
15. Entendimento de que a burocracia é um entrave à liberdade de pensar e agir e por isto com a mesma não se deve cooperar;
16. Admissão de que todo conhecimento da realidade parte da experiência,  **nela tern, inw**

£

48 Ética profissional Lopes de Sá

17, Reconhecimento de que a fama desperta inveja e ressentimento, merecendo cautela para não se tornar vítima de si mesmo.

Tais formas de ver a vida, de guiar procedimentos, Einstein as complementou com humor e cordialidade e apesar de dizer certas vezes que não apreciava a fama muito dela se valeu em favor de sua gente, sendo considerado por alguns biógrafos como responsável por abrir caminhos para a implantação do Estado de Israel.

Também, não obstante seus pontos de vista firmes sobre a vida, como todo ser humano deixou-se levar mais pelo emocional que pelo racional, segundo seus biógrafos.

£

## **CONDUTA DO SER HUMANO EM SUA COMUNIDADE E EM SUA CLASSE**

A razão pela qual se exige uma disciplina do homem em seu grupo repousa no fato de que as associações possuem, por suas naturezas, uma necessidade de equilíbrio que só se encontra *quando a autonomia dos seres se coordena na finalidade do todo*. **É** a lei dos sistemas que se torna imperiosa, do átomo às galáxias, de cada indivíduo até sua sociedade.

Em tudo parece haver uma tendência para a organização e os seres humanos não fogem a essa vocação.

Todo agregado, todo sistema, entretanto, depende de uma disciplina comportamental e de conduta.

Cada ser, assim como a somatória deles em classe profissional, tem seu comportamento específico, guiado pela característica do trabalho executado.

*Cada conjunto de profissionais deve seguir uma ordem que permita a evolução harmônica do trabalho de todos, a partir da conduta de cada um, através de uma tutela no trabalho que conduza a regulação do individualismo perante o coletivo.*

São exigíveis, pois, uma conduta humana especial, que denominamos Ética, e o exercício de virtudes dela defluentes.

*O sentimento social é um imperativo na construção dos princípios éticos, e estes são incompreensíveis sem aquele.*

Como os seres são heterogêneos por seus caracteres, a homogeneização

r

### 128 Ética profissional Lopes de Sá

vado, inclusive o do próprio ser, como unidade, em um regime de interação benéfica.

Individualismo e ética profissional

Parece ser uma tendência do ser humano, como tem sido objeto de referências de muitos estudiosos,<sup>1</sup> a de defender, em primeiro lugar, seus interesses próprios; quando, entretanto, esses são de natureza pouco recomeiw.&el, ocorrem seriíssimos problemas.

Quando o trabalho é executado só para auferir renda, em geral, *te.. eu valor restrito*. Por outro lado, nos serviços realizados com amor, visai.d. ao benefício de terceiros, dentro de vasto raio de ação, com consciência di.. m comum, passa a existir a *expressão social* do mesmo.

*O valor ético do esforço humano é, pois, variável de acordo com seu al ice em face da comunidade.*

Aquele que só se preocupa com os lucros, geralmente, tende a ter m or consciência de grupo. Fascinado pela preocupação monetária, a ek 1: importa o que ocorre com a sua comunidade e muito menos com a sociedr le. A respeito, conta-se, para ilustrar a questão, uma saga.

Dizem que um sábio procurava encontrar um ser integral, em r& a seu trabalho. Entrou, então, em uma obra e começou a indagar. Ao r operário perguntou o que fazia e este respondeu que procurava gan salário; ao segundo repetiu a pergunta e obteve a resposta de que ele pr seu tempo; finalmente, sempre repetindo a pergunta, encontrou um disse: “Estou construindo uma catedral para a minha cidade.”

A este último, o sábio teria atribuído a qualidade de ser integral em tve do

trabalho, como instrumento do bem comum.

Como o número dos que trabalham, todavia, visando primordialmente o rendimento, é grande, as classes procuram defender-se contra a diluição de seus conceitos, tutelando o trabalho e zelando para que uma

1 Basta observar o que Macchiavelli escreve em seu *O príncipe* para se chegar a conclusão

e-  
£

Conduta do ser humano em sua comunidade e em sua classe **129**

niçada não ocorra na disputa dos serviços. Isto porque ficam vulneráveis ao individualismo.

A consciência de grupo tem surgido, então, quase sempre, mais por interesse de defesa do que por altruísmo. Isto porque, garantida a liberdade de trabalho, se não se regular e tutelar a conduta, o individualismo pode transformar a vida dos profissionais em reciprocidade de agressão.

Tal luta quase sempre se processa através de aviltamento de preços, propagandas enganosas, calúnias, difamações, tramas, tudo na ânsia de ganhar mercado e subtrair clientela e oportunidades do colega, reduzindo a concorrência. Igualmente, para maiores lucros, pode estar o indivíduo tentado a práticas viciosas, mas rentáveis.

Em nome dessas ambições, podem ser praticadas quebras de sigilo, ameaças de revelação de segredos dos negócios, simulação de pagamentos de impostos não recolhidos, subtração de valores confiados em consignação e sem documentação comprobatória em favor do utente etc.

Para dar largas a ambições de poder, podem ser armadas tramas contra as instituições de classe, com denúncias falsas pela imprensa para ganhar eleições, ataque a nomes de líderes impolutos para ganhar prestígio etc. Não existem limites para os desonestos, traidores e ambiciosos; se deixados livres, podem cometer muitos desatinos, pois muitas são as variáveis que

existem no caminho do prejuízo a terceiros. *n*

*A tutela do trabalho*, pois, processa-se pelo caminho da exigência de uma ética, imposta através dos conselhos profissionais e de agremiações classistas.<sup>2</sup> As normas devem ser condizentes com as diversas formas de prestar o serviço e de organizar o profissional para esse fim.

Dentro de uma mesma classe, os indivíduos podem exercer suas atividades como empresários, autônomos, associados etc. e também dedicar-se a partes menos ou mais refinadas do conhecimento.

No campo contábil, por exemplo, existem, só em São Paulo, aproximadamente 15.000 escritórios, e os profissionais se dedicam a áreas como escriuração, tributação, assessoria, consultoria, auditoria etc. Seja como for, seja em que profissão se considere essa questão de organização, o interesse apenas pessoal pode chegar a níveis altíssimos.

% agremiações, no Brasil, não só se agrupam por natureza de trabalho, mas também pelas

NQSflécj@Ç cleleç qn inqtittlflç çqnrjwFisc dn.1int-nc. (nA

g

### 1 30 Ética profissional Lopes de Sà

Como não existem limites para as ambições humanas, no campo da riqueza, a conduta pode tornar-se agressiva e inconveniente, e esta é uma das fortes razões pelas quais os códigos de ética quase sempre buscam maior abrangência.

Tão poderosos podem ser os escritórios, hospitais, firmas de engenharia etc., que a ganância dos mesmos pode chegar ao domínio das entidades de classe e até ao Congresso e ao Executivo das nações.<sup>3</sup>

Em nome de seus profissionais, pois, um país pode chegar a pressionar o mercado de trabalho de outras nações, como a imprensa tem denunciado no caso da medicina, da auditoria, da engenharia etc.

A força do favoritismo, acionada nos instrumentos do poder através de agentes intermediários, de corrupção, de artimanhas políticas, pode assumir proporções asfixiantes para os profissionais menores, que são a maioria.

A ausência de ética pode levar a discriminações e até a políticas desumanas em âmbito internacional, como tão bem acentua Constanzo, em sua “ficção-realidade” (por paradoxal que pareça), em recente obra de crítica ao fim de nosso século.<sup>4</sup> O autor critica a visão de certas superpotências em relação aos demais países e a posição plena de egoísmo de certas sociedades que vivem às custas de outras.

Mostra, criando em sua obra uma assembleia imaginária de sábios, que o social tem aspectos de ficção, conveniente apenas a grupos, quando não se situa no campo do ideal, mas do interesse apenas dos dominantes do poder. Mostra ainda como tais oligarquias destroem os ideais do Estado e como se comportam desumanamente.

Tais grupos podem, como vimos, inclusive, ser profissionais, pois, nestes, encontramos também o poder econômico acumulado, tão como conluios com outras poderosas organizações empresariais.

Portanto, quando nos referimos à classe, ao social, não nos reportamos apenas a situações isoladas, a modelos particulares, mas a situações gerais. O Senado dos Estados Unidos denunciou, em relatório denominado *71w establishment accounting*, na década de 70, as oito maiores empresas de auditoria, por manobram o Instituto dos Contadores e exercer atos de corrupção perante o Governo para garantir sua maior faixa no mercado de serviços. Essa mesma denúncia foi feita no Brasil, no Senado, pelo Senador Gabriel Hermes, na época Presidente da Ordem dos Contadores do Brasil. Analogamente, a imprensa denuncia a ação de laboratórios estrangeiros quanto às pressões exercidas no Congresso Brasileiro, no caso da lei de patentes.

£

Conduta do ser humano em sua comunidade e em sua classe 131

O egoísmo desenfreado de poucos pode atingir um número expressivo de pessoas e até, através delas, influenciar o destino de nações, partindo da ausência de conduta virtuosa de minorias poderosas, preocupadas apenas com seus lucros. Ou seja, como bem assevera Carrel: *“Uma sociedade que reconhece*

*o primado do econômico não se dá a virtude, porque a virtude consiste essencialmente em obedecer às leis da vida, e quando o homem se reduz à atividade econômica, logo deixa de obedecer, quase que de todo, as regras da natureza.”*<sup>5</sup>

Sabemos que a conduta do ser humano tende ao egoísmo, repetimos, mas, para os interesses de uma classe, de toda uma sociedade, é preciso que se acomode às normas, porque estas devem estar apoiadas em princípios de virtude.

*Corno só a atitude virtuosa tem condições de garantir o bem comum, a Ética tem sido o caminho justo, adequado, para o benefício geral.*

Vocação para o coletivo

Egresso de uma vida inculta, desorganizada, na base apenas de instintos, o homem, sobre a Terra, foi-se organizando, na busca de maior estabilidade vital. Foi cedendo parcelas do referido individualismo para se beneficiar da união, da divisão do trabalho, da proteção da vida em comum.

A organização social foi um progresso, como continua a ser a evolução da mesma, na definição, cada vez maior, das funções dos cidadãos; tal definição

acentua, gradativamente, o limite de ação das classes.<sup>6</sup>

Como escreveu Vidari: *‘A formação das classes sociais é um fato de*

*grande 1: importância Ética que se completa no momento exato em que o homem sai de*

*sua homogeneidade instável de origem primitiva e forma grupamentos mais determinados e estáveis.”*<sup>7</sup> Tal assertiva ele a fez para depois

argumentar que tais grupamentos aumentaram suas necessidades na vida, em decorrência da

&i. agregação.

CARREL, Alexis. *O homem perante a vida*. Porto: Educação Nacional, 1949.

p. 138. <sup>6</sup>No Brasil, a classe dos contadores praticamente se fracionou nas classes de economistas,

administradores e estatísticos, pois todas essas funções as desempenhavam os antigos peritoscontadores.

VIIAPT II PlomonH til oHm Miln T-Tnnnfl 1099 n

132 Ética profissional Lopes de Sã

Isto justifica o que já afirmei sobre a relação entre a evolução e a definição

cada vez maior das classes profissionais,<sup>8</sup> pois estas se dividem à medida que aumentam as especializações para suprirem novas necessidades. Sabemos que entre a sociedade de hoje e aquela primitiva não existem mais níveis de comparação, quanto à complexidade; devemos reconhecer, porém, que, nos núcleos menores, o sentido de solidariedade era bem mais acentuado, assim como os rigores éticos.

Poucas cidades de maior dimensão possuem, na atualidade, o espírito comunitário; também, com dificuldades, enfrentam as questões classistas. Parece-me pouco entendido, por um número expressivo de pessoas, que existe um bem comum a defender e do qual elas dependem para o bem-estar próprio e o de seus semelhantes.

Isse referido *comum*, como afirmou Maritain, *atinge “o todo e as partes”*.<sup>9</sup> Há uma inequívoca interação que nem sempre é compreendida pelos que possuem espírito egoísta.

Isto não é uma negação do instinto gregário, por si só, mas a prova de que a complexidade e a densidade demográfica enfraqueceram o ideal do todo. Quem lidera entidades de classe sabe a dificuldade para reunir colegas, para delegar tarefas de utilidade geral.

Tal posicionamento termina, quase sempre, em uma oligarquia dos que se sacrificam, e o poder das entidades tende sempre a permanecer em mãos desses grupos, por longo tempo.

A vocação para o coletivo já não encontra, nos dias atuais, a mesma pujança nos centros maiores.

Muitas críticas têm-se feito ao débil sistema de atenção ao social, praticado em muitas nações; algumas de tais advertências são acérrimas, como as de Carrel,<sup>10</sup> e buscam mostrar que a organização da existência em sociedade ainda é insipiente, em face do progresso geral da ciência.

<sup>8</sup>A vocação para as especializações é notória e estas são divisões de trabalho que acabam por criar classes de pessoas; no início do século XX, no Brasil, os peritos-contadores incumbiam-se de todos os assuntos pertinentes às empresas e instituições; a partir da década de 40, ocorreram divisões que criaram as classes de administradores, economistas, estatísticos e a própria de contabilistas, dividida em técnicos e contadores. MARITAIN, Jacques. *Os direitos do homem*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947. p. 19.

<sup>10</sup> CAPPPT Alirgio fln di-

£

Conduta do ser humano em sua comunidade e em sua classe 133

A vitória do egoísmo parece ainda vigorar e sua reversão não nos parece fácil, diante da desmassificação que se tem promovido, propositadamente, para a conservação dos grupos dominantes do poder.

Na área do trabalho, não se tem, igualmente, fugido de sérios problemas, mas a conveniência de preservar o equilíbrio de classes tem rompido alguns

obstáculos, através dos códigos de ética.

Como o progresso do individualismo gera sempre o risco da transgressão ética, imperiosa se faz a necessidade de uma *tutela sobre o trabalho*, através de normas éticas.

É sabido que uma disciplina de conduta protege todos, evitando o caos que pode imperar quando se outorga ao indivíduo o direito de tudo fazer, ainda que prejudicando terceiros.

É preciso que cada um ceda alguma coisa para receber muitas outras; esse é um princípio que sustenta e justifica a prática virtuosa perante a comunidade.

O homem não deve construir seu bem a custa de destruir o de outros, nem admitir que só existe a sua vida em todo o universo.

Em geral, o egoísta é um ser de curta visão, pragmático quase sempre, isolada em sua perseguição de um bem que imagina ser só seu.

Classes profissionais

*Uma classe profissional caracteriza-se pela homogeneidade do trabalho executado, pela natureza do conhecimento exigido preferencialmente para tal execução e pela identidade de habilitação para o exercício da mesma. A classe profissional é, pois, um grupo dentro da sociedade, específico, definido por sua especialidade de desempenho de tarefa.”*

A questão, pois, dos grupamentos específicos, sem dúvida, defluiu de uma natural especialização, motivada por seleção natural ou habilidade própria, e hoje constitui-se em inequívoca força dentro das sociedades.

A formação das classes decorreu de forma natural, há milênios, e se dividiram cada vez mais.

“A habilitação das classes pode ser legal ou consagrada pelos usos e costumes; geralmente, a limitação legal ocorre em decorrência de **usos maiores** de **resonçabililawip**

e

**134** Ética profissional Lopes de Sã

No tempo, atribui-se à Idade Média a organização das classes trabalhadoras, notadamente as de artesãos, que se reuniram em *corporações*.

É possível que associações com outras características tenham existido em outras épocas e disto existem alguns indícios, não muito veementes, mas, indiretamente, aceitáveis.

Sabemos que no Egito Antigo, por exemplo, as classes trabalhadoras eram definidas e que existiam profissionais geniais e de grande notoriedade, como Imhotep,<sup>2</sup> cognominado de Leonardo da Vinci egípcio, pelos historiadores.

Para aquele povo, uma das profissões mais nobres era a de contabilista. Tal profissão constituía-se no exercício das funções de escriturário, administrador, legislador geral e de impostos, diplomata e até ministro e vizir; os profissionais tinham mercado de trabalho assegurado, em razão, tudo faz crer, do altíssimo valor que se atribuía à escrita, notadamente a aplicada ao informe sobre a riqueza.<sup>3</sup>

Os historiadores, todavia, mesmo os mais detalhistas, não enfocaram a organização de classes profissionais ao longo da história, tal como a que ocorreu, como fenômeno social, na Idade Média.

A divisão do trabalho é antiga, ligada que está à vocação de cada um para determinadas tarefas e às circunstâncias que obrigam, às vezes, a assumir esse ou aquele trabalho; ficou prático para o homem, em comunidade, transferir tarefas e executar a sua.

A união dos que realizam o mesmo trabalho foi uma evolução natural e hoje se acha não só regulada por lei, mas consolidada em instituições fortíssimas de classe.

#### Código de ética profissional

As relações de valor que existem entre o ideal moral traçado e os diversos campos da conduta humana podem ser reunidas em um instrumento regulador.

<sup>12</sup> Jmhotep viveu ao tempo de Zoser III, do velho reino (2.700-2.300 a.C.).

<sup>13</sup> Os egípcios já possuíam escrita de custos, analisavam custos por atividades, realizavam prodigiosos inventários, possuíam escrita matricial e existem historiadores que aos mesmos atribuem a invenção das partidas dobradas, tomando por base referências de escritores com ábei

nrtpntniv An h,iy,i Idade MMin

<sup>e1</sup>  
<sup>e</sup>

#### Conduta do ser humano em sua comunidade e em sua classe 135

Tal conjunto racional, com o propósito de estabelecer linhas ideais éticas, já é uma aplicação desta ciência que se consubstancia em uma peça magna, como se uma lei fosse entre partes pertencentes a grupamentos sociais,

*Uma espécie de contrato de classe gera o Código de Ética Profissional e os órgãos de fiscalização do exercício passam a controlar a execução de tal peça magna.*<sup>4</sup>

Tudo deriva, pois, de critérios de condutas de um indivíduo perante seu grupo e o todo social.

O interesse no cumprimento do aludido código passa, entretanto, a ser de todos. O exercício de uma virtude obrigatória torna-se exigível de cada profissional, como se uma lei fosse, mas com proveito geral.

Cria-se a necessidade de uma mentalidade ética e de uma educação pertinente que conduza à vontade de agir, de acordo com o estabelecido. Essa disciplina da atividade é antiga, já encontrada nas provas históricas mais remotas, e é uma tendência natural na vida das comunidades.

*É inequívoco que o ser tenha sua individualidade, sua forma de realizar seu trabalho, mas também o é que uma norma comportamental deva reger a prática profissional no que concerne a sua conduta, em relação a seus semelhantes.*

Toda comunidade possui elementos qualificados e alguns que tergiversam na prática das virtudes; seria utópico admitir uniformidade de conduta,<sup>5</sup>

A disciplina, entretanto, através de um contrato de atitudes, de deveres, de estados de consciência, e que deve formar um código de ética, tem sido a solução, notadamente nas classes profissionais que são egressas de cursos universitários (contadores, médicos, advogados etc.).<sup>6</sup>

Uma ordem deve existir para que se consiga eliminar conflitos e especialmente evitar que se macule o bom nome e o conceito social de uma categoria.

Para os contabilistas, a vigilância e a atuação para que se cumpra o Código de Ética Profissional são realizadas pelo Conselho Regional de Contabilidade em cada unidade do País e coordenadas pelo Conselho Federal de Contabilidade.

<sup>15</sup> Herbert Spencer, em sua obra *O indivíduo e o estado* (Bahia: Aguiar e Souza, s.d. p. 20 ss), traça comentários objetivos sobre essas parcelas das comunidades que são desajustadas e que por isso mesmo não permitem uma consideração teórica absolutamente homogênea.

<sup>16</sup> Embora os Códigos de ética não sejam privativos das profissões liberais, são elas que mais m.

£ g

e

136 **Ética profissional** .opes de Sá

Se muitos exercem a mesma profissão, é preciso que uma disciplina de conduta ocorra.<sup>7</sup>

Base filosófica dos códigos de ética profissional

Para que um Código de Ética Profissional seja organizado, é preciso, preliminarmente, que se trace a sua base filosófica. Tal base deve estribar-se nas virtudes exigíveis a serem respeitadas no exercício da profissão, e em geral abrange as relações com os. utentes dos serviços, os colegas, a classe e a nação.

As virtudes básicas são comuns a todos os códigos. As virtudes específicas de cada profissão representam as variações entre os diversos estatutos éticos.

O zelo, por exemplo, é exigível em qualquer profissão, pois representa uma qualidade imprescindível a qualquer execução de trabalho, em qualquer lugar

O sigilo, todavia, deixa de ser necessário em profissões que não lidam com confidências e resguardos de direitos. Um contabilista precisa guardar sigilo dos segredos que conhece da vida dos negócios, mas um agrônomo já não tem muito que reservar-se em relação às tarefas que executa.

Cada profissão tem suas próprias características e isto exige também virtudes pertinentes a um desempenho de boa qualidade.

Traçar, pois, as linhas mestras de um código, é compor a filosofia que será seguida e que forma a base essencial do mesmo. *Sejam quais forem as linhas mestras de um código de ética elas serão sempre linhas de virtude a serem seguidas.*

A base filosófica é necessária para que se forme a estrutura. Formada a estrutura, a partir dela, traçam-se os detalhes, O princípio será sempre o de estabelecer qual a forma de um profissional se conduzir no exercício profissional, de maneira a não prejudicar terceiros e a garantir uma qualidade *eficaz* de trabalho -essa a orientação filosófica fundamental.

Peculiaridades em um código de ética profissional

As peculiaridades em um código de conduta profissional dependem de diversos fatores, todos ligados à forma como a profissão se desempenha, ao nível de conhecimentos que exige, ao ambiente em que é executada etc.

“No Brasil, estima-se que mais de 400.000 pessoas estejam a exercer a atividade contábil..

r

**Conduta do ser humano em sua comunidade e em sua classe 137**

Isto significa que não pode existir um padrão universal que seja aplicável com eficácia a todos os casos, embora as linhas mestras sejam comuns, pois comuns são as principais virtudes de todas as profissões exigíveis. Logo, existem códigos de ética, e não apenas um código de ética, quando se tem em mira objetivar o exercício profissional ou de conduta de um grupo.

As classes, através de suas instituições, de seus líderes, são os naturais elementos geradores de tais estatutos, os quais precisam surgir do amplo debate, da franca intervenção de todos, de forma a possibilitar uma realidade e algo que efetivamente seja exequível e abrangente.

Devem ser coletados, pacientemente, todos os deveres ou obrigações do indivíduo perante todos os ângulos de seu exercício, ou seja, em todas as esferas onde possam ocorrer relações pessoais que exijam atos profissionais e humanos a estes pertinentes.

Os contabilistas brasileiros iniciaram o esboço de seu código de ética em 1950, no V Congresso Brasileiro de Contabilidade, em Belo Horizonte. O tema central de tal conclave foi o código de ética. Os debates foram se sucedendo, as contribuições se somando, até que o Conselho Federal de Contabilidade, em 1970, através de uma Resolução, oficializou a matéria. Foram decorridos 20 anos de amadurecidos estudos. A evolução, todavia, ocorrida nas profissões, através da mudança de costumes, do avanço da tecnologia, das alterações nas políticas sociais, do progresso das nações, da dilatação dos mercados etc., exerce influência nas condutas e os códigos se desajustam, por mais cuidadosas que tenham sido suas elaborações.

Tais desajustes atingem, normalmente, os aspectos da forma de trabalhar,

porque são estes os mais sensíveis às modificações.

Quando, todavia, a operacionalidade no trabalho se altera, é possível que também se alterem formas de relacionamento pessoal, e, logicamente, a conduta.

Puritanismo e ética profissional

Atitudes exageradas, em relação às virtudes, são antinaturais, logo, também enfraquecem seus valores éticos.

Não é sem razão que Carrel escreve: *‘A virtude adquiriu, graças aos puritanos, uma desgraçada reputação. Foi confundida com a hipocrisia, a intolerância, a dureza, a afetação.’*<sup>8</sup>

18 (APPPT Alveo, fm, 4t n 10)

### 138 Ética profissional Lopes de Sâ

Os extremos, em matéria de conduta, parecem perigosos, e isto se agrava quando se prende a detalhes, às vezes, de mínima relevância.

Devemos considerar sempre o que mais caracteriza um ato, diante da intenção maior; pequenos erros são às vezes toleráveis, entendo, quando não intencionais.

A infalibilidade, em toda minha vida profissional, de mais de 50 anos, jamais a encontrei em qualquer ser.

Até as máquinas falham; o próprio computador, com todos os seus inequívocos e maravilhosos recursos, por vezes, nos apresenta comportamentos discrepantes.

A intransigência não é uma virtude. Opostamente, aquele que em tudo vê a fraude, a má-fé, o erro, mesmo que seja insignificante, não se encontra no melhor de sua capacidade mental.

Conheço pessoas desse gênero, cujo único assunto é criticar todos e que só observam, em tudo, lesões à virtude. Imaginam-se puros e intocáveis.

Tal comportamento não é ético, pois caracteriza a intolerância, e esta, quase sempre, gera o espírito de perseguição, calúnia, traição e demais vícios; ou seja, ao admitir-se o único virtuoso do mundo, o puritano acaba por enlamear, muitas vezes, a honra até de inocentes.

Quando isto ocorre no âmbito das profissões, a tendência é de que tais indivíduos terminem isolados em seu grupo.

Sabemos que, em matéria de prestação de serviços, conseguem-se atos de grande expressão virtuosa, às vezes seguindo alguns caminhos *aparentemente não virtuosos*.

O advogado, ao defender o criminoso, aos olhos de um puritano pratica ato imoral.

Um contador, ao deixar de denunciar ao fisco um cliente que está em atraso de pagamentos, como a lei certa vez exigiu, para o puritano é um transgressor.

Um médico, ao dizer ao paciente que seu estado não é grave, sabendo que é terminal, aos olhos do puritano é um desleal.

Entretanto, o advogado não está a defender o crime, e sim o cidadão, o contador a defender a vida da empresa, e não a inadimplência, o médico a amenizar a aflição do paciente, e não a enganá-lo em um caso **já** perdido. Os atos precisam ser julgados com suas relatividades. Toda a natureza, obra de uma inteligência muito superior à nossa, nos dá exemplos exuberantes de reirividmle em

#### **Conduta do ser humano em sua comunidade e em sua classe 139**

O puritanismo é um vício quando prejudica terceiros, quando, em uma comunidade, procura abalar o valor ético das instituições e de líderes que as representam.

Em nome de uma pseudomoralidade, muitas denúncias se fazem, muitas acusações se realizam, baseadas, às vezes, na simples aparência ou na análise parcial de formas de atitudes, desconhecendo a essência e o resultado destas.

É da natureza do puritano ver fantasmas em tudo e ser sempre contra quase tudo, em todas as suas ações.

Tais indivíduos, em nome de sua ética particular, lesam, quase sempre, a verdadeira ética.

#### **Conduta individual e sucesso**

A conduta sadia do ser, consigo mesmo e com seu ambiente, habilita ao sucesso.

Entre os muitos estudiosos da questão, Alexis Cartel conseguiu sintetizar sobre as relações ambientais, seus pontos de vista, em *princípios* aptos para a *felicidade*, todos de índole ética.

Embora não seja o exclusivo tratadista da matéria, entendemos que foi com propriedade que objetivou os seguintes:

1. Considerar o triunfo da vida como nossa principal ocupação.
2. Aceitar a ordem das coisas, resignando-nos a uma voluntária limitação da liberdade, para nos submetermos a uma regra.
3. Optar pela ordem, em vez da fantasia, e pelo esforço constante, em vez da despreocupação irresponsável.
4. Utilizar, ao mesmo tempo, o saber e a crença, a inteligência e o sentimento.
5. Utilizar todas as aquisições da humanidade, tanto a religião como a ciência.
6. Incorporar, nas formas racionais, os elementos passional, afetivo e religioso.
7. Substituir pelos conceitos e princípios científicos aqueles conceitos e

e

**140** Ética profissional( Lopes de Sá

8. Levar em conta o econômico, o que é uma condição necessária, mas não

suficiente, para o triunfo. Subordinar esse econômico ao humano.

9. Tirar partido de todos os elementos humanos idôneos, tais como os liberais sinceros e os intelectuais democratas; neutralizar os preguiçosos, os especuladores, o poder do dinheiro, os traidores, os avarentos, os criminosos e os loucos. **É** a qualidade que importa, porque a quantidade não basta.

10. Recordar a importância do desenvolvimento simultâneo e conjugado do fisiológico e do intelectual.

11. Recordar, outrossim, que o homem tem necessidades, e não direitos, e que essas necessidades diferem segundo as funções. Os crentes não têm de se inquietar com a substituição dos conceitos científicos pelas ideologias. Só uma verdade existe. Todas as suas parcelas encontraremos encerradas nas ideologias.’9

Carrel estabelece, em seus princípios, os caminhos que entende sejam os que conduzem o homem ao triunfo. Denotam, em sua essência, um tipo de conduta que se baseia na atenção em si mesmo, no próximo e nos objetivos definidos.

O sucesso, todavia, como o entende a sociedade atual, nem sempre tem-se coadunado com essas normas. Não é pequeno o número de pessoas que enriquecem e passam a desfrutar de prestígio, tendo alcançado a fortuna pelas vias da corrupção, notadamente no mundo político e do comércio ilegal.

Não se confundem, pois, o que na atualidade se considera como sucesso e aquilo que integralmente o ser consegue pela prática do ideal, da virtude, da conduta respeitosa.

Conheço, pessoalmente, homens que enriqueceram prodigiosamente, na política, no próprio município em que vivo, às custas, dos mais duros golpes de corrupção contra o Estado e contra seus semelhantes.

Seria absurdo admitir, pois, enriquecimento como sendo sucesso e sucesso sem virtude.

*O enriquecimento pode ser conseguido às custas da ausência de virtude, mas*

*o sucesso desta depende.*

#### **Conduta do ser humano em sua comunidade e em sua classe 141**

Por mais que se tenham corrompido os costumes, por mais que se tenham deixado sem punição os que furtaram em suas funções públicas, em tempo nenhum essas coisas conseguirão destruir a verdade contida na virtude.

O sucesso, tal como admitimos para um homem integral, jamais poderá ser alcançado sem a prática da ética.

Embora deixemos de concordar com alguns itens dos princípios de Carrel, admitimos que o sucesso repousa na associação do amor com a sabedoria, somado tudo à ação e a uma constante reflexão sobre tudo o que se faz.

É pelo exercício do espírito que o homem alcança seus maiores objetivos, ou seja, pela crença firme em si mesmo, pela determinação obstinada em seus propósitos honestos, pelo desejo de dar a seu semelhante as mesmas oportunidade e respeito que recebe.

Se amamos o que fazemos, o fruto de nosso trabalho será de boa qualidade e trará proveitos. Se nos valorizamos pela sabedoria, é possível, profissionalmente, cada vez mais, auferirmos melhores rendimentos. Se agimos sem tréguas, eticamente, conseguimos realizar e materializar os ideais. Nessa ação está compreendida a qualidade do trabalho que busca a possível perfeição e o respeito às necessidades dos utentes dos serviços que prestamos.

Finalmente, se refletimos, estamos sempre em conexão com as forças transcendentais que parecem vir a nós pela ligação que estabelecemos pelo pensamento reflexivo (a oração tem sido um caminho, quando ela é uma forma livre de lançar ao espaço nossos juízos).

**Julgamento da conduta ética na classe**

Estabelecido um código de ética, para uma classe, cada indivíduo a ele passa a subordinar-se, sob pena de incorrer em transgressão, punível pelo órgão competente, incumbido de fiscalizar o exercício profissional.

À semelhança do direito penal, os tribunais de ética julgam os casos que lhes são encaminhados ou dos quais tomaram conhecimento através da fiscalização que as instituições promovem.

A burocracia dos julgamentos é realizada ao feitiço dos processos na Justiça, com as sindicâncias necessárias, a obtenção de provas de todos os gêneros, os

(1 Aflição ril ani-nc' e. rio f0e. n e. n c n44 C -----)

#### **142 Ética profissional Lopes de Sá**

Assegura-se ao transgressor todas as formas de defesa em direito permitidas e em seu julgamento se consideram todas as atenuantes e agravantes.

O tribunal de ética, composto de pessoas eleitas pela maioria da classe, funciona como um júri e atribui aos faltosos as diversas modalidades de penas, que vão desde as simples advertências até a mais rigorosa, que é a de cassar o direito do exercício profissional.

Tais práticas visam exercer o poder coercitivo dos órgãos de classe<sup>20</sup> sobre os componentes desta que não se ajustam às normas estabelecidas.

Derivam-se de apurações de irregularidades, que são originadas ou de trabalhos da fiscalização ou de denúncias formuladas.

A fiscalização do exercício da profissão pelos órgãos de classe compreende as fases preventiva (ou educacional) e executiva (ou de direta verificação da qualidade das práticas).

Grande parte dos erros cometidos derivam-se em parte do pouco

conhecimento sobre a conduta, ou seja, da educação insuficiente, e outra parte, bem menor, deriva-se de atos propositadamente praticados.

Os órgãos de fiscalização assumem, por conseguinte, um papel relevante de garantia sobre a qualidade dos serviços prestados e da conduta humana dos profissionais.<sup>20</sup>

A prática que possuo sobre a questão mostra que quanto maior é o investimento que os conselhos fazem na educação, menor é o índice de infração das normas éticas.

As classes, ao julgarem seus componentes, ao impor-lhes punições por atos viciosos, através de suas instituições, fortalecem-se. A fé que passam a merecer é bem maior.

O exemplo de retidão deve sempre partir dos poderes, e quando isto não ocorre, abala-se a crença nos governos e perde-se a moralidade em uma comunidade.

Quando, também, procuram acobertar erros ou omitir-se diante deles, tendem a cair no descrédito público.

<sup>20</sup> Os advogados possuem como tal órgão a sua ordem, e as demais profissões seus conselhos regionais e federal.

<sup>21</sup> Sobre esta matéria específica, editamos um trabalho, pelo Conselho Regional de Contabilidade da Bahia, sob o título *A Contabilidade e a função institucional do Conselho Regional de*

<sup>g</sup>

Conduta do ser humano em sua comunidade e em sua classe 143

Pode parecer cruel um colega julgar outro, mas, no caso dos conselhos, aquele que promove o julgamento está despido de sua individualidade, ou seja, é representante de uma comunidade à qual deve seu trabalho. Os deveres para com a coletividade exigem que as questões pessoais sejam afastadas.

Se o réu é pessoa ligada ao conselheiro que tem a função de julgamento, deve este, sim, considerar-se suspeito e afastar-se, para que outro assumira seu lugar, e jamais praticar ato de parcialidade.

Seria incoerente que, ao julgar matéria ética, o próprio conselheiro ligado ou interessado não a praticasse, pois, ao não ser imparcial, estaria lesando a moralidade do julgamento, ainda que se esforçasse por manter-se neutro.

A preservação das instituições depende de atitudes elevadas, acima das individualidades, com isenção tanto de favoritismo quanto de perseguições.

A autoridade que possuem é decorrência do próprio bem que se almeja para todos. Tal poder é outorgado a representantes das comunidades para que façam cumprir as finalidades diversas de interesse comum. Trata-se de uma delegação, como tal devendo-se comportar, sem características de usurpação ou de admissão de que o coletivo pudesse passar a ser propriedade do poder.

Alguém deve conduzir a obrigatoriedade de conduta das comunidades, segundo as normas aprovadas.

A outorga do poder é um ato de proteção, mas pode voltar-se contra a

comunidade se o mesmo não se reveste de legitimidade ou se os elementos incumbidos de o exercer não possuem capacidades moral e cívica para o cumprimento dos objetivos.

Tudo é volvido ao geral, mas, quando isto não ocorre, existe a ameaça de amplos desequilíbrios nas 'es.

Seria incoerente os próprios incumbidos de preservar a conduta sadia praticarem atos condenáveis e injustos.